

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MARJORY CRISTINA DE SOUZA SILVA**

**PORTFÓLIO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: TECENDO UMA RELAÇÃO POSSÍVEL**

**CAMPINAS**

**2009**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

2009/09/08



1290004656



FE

TCC/UNICAMP S138p

**Universidade Estadual de Campinas**

**Faculdade de Educação**

**Marjory Cristina de Souza Silva**

**PORTFÓLIO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: TECENDO UMA RELAÇÃO POSSÍVEL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como exigência parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

**Campinas**

**2009**

ii

**UNICAMP - FE - BIBLIOTECA**

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	ICC/Unicamp
SI 38	
V:	EX:
Tombo:	4656
PROC.:	134110
C:	D: x
PREÇO:	11,00
DATA:	09/04/10
CÓD TÍTULO:	414108

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP  
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

Silva, Marjory Cristina de Souza

SI38

Portfólio e educação não formal: tecendo uma relação possível /  
Marjory Cristina de Souza Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.

Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Portfólios. 2. Educação não-formal. I. Prado, Guilherme do Val Toledo.  
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

09-400-BFE

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado**

---

**Profa. Dra. Elisa Angotti Kossovitch**

## DEDICATÓRIA

À Deus, pela vida, por estar em meu caminho,  
iluminando e guiando às escolhas certas.

Aos meus pais, Ana Otília e Benedito, que sempre me  
motivaram e foram essenciais à minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus amigos e familiares que me ajudaram durante a realização deste trabalho, em especial aos meus irmãos Caroline e Lucas e ao meu namorado Rudolf, os quais sempre me apoiaram e acreditaram em meu potencial.

Agradeço imensamente ao Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado pela disposição em me orientar e a Profa. Dra. Elisa Angotti Kossovitch que aceitou gentilmente ser a segunda leitora deste trabalho.

Agradeço ainda a oportunidade de poder estagiar na Fundação Bezerra de Menezes, instituição que me propiciou um grande conhecimento e a vivência de novas experiências através do convívio diário com sua eficiente equipe e seus adoráveis educandos.

***“Conhece-te a ti mesmo.”***

**Sócrates**

## RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo principal propor e discutir teoricamente o portfólio inserido em uma proposta de educação não formal, enquanto ferramenta auxiliadora do aprendizado e promotora da auto-avaliação. A pesquisa foi desenvolvida na Fundação Bezerra de Menezes, mais precisamente na Escola Preparatória para a Vida I, localizada na Vila Palmeiras, bairro periférico da cidade de Campinas. Analisou-se a proposta educacional da instituição e através de leituras bibliográficas acerca dos temas foi realizada a tentativa da implantação do portfólio com a turma das crianças freqüentadoras do programa Sócio-educativo. Os dados obtidos evidenciaram a abertura da educação não formal como fator facilitador à realização de projetos e utilização da avaliação formativa e indicaram que a implantação do portfólio nesses ambientes poderia servir como instrumento incentivador ao desenvolvimento crítico do educando, bem como auxiliador do próprio educador.

Palavras-chave: Portfólio – Educação Não Formal – Auto-Avaliação

## LISTA DE GRÁFICOS E TABELAS

<b>TABELA 1 – Tipos de Aprendizagem.....</b>	<b>16</b>
<b>GRÁFICO 1 – Média Semestral de Educandos por Oficina.....</b>	<b>40</b>
<b>GRÁFICO 2 – Como você avalia o que você aprendeu nessa oficina?.....</b>	<b>51</b>
<b>GRÁFICO 3 – Como você avalia a maneira como o educador dá as aulas?.....</b>	<b>52</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**CDI** – Comitê para Democratização da Informática

**CEPROCAMP** – Centro de Educação Profissional de Campinas “Antonio da Costa Santos”

**CMDCA** – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

**CNAS** – Conselho Nacional de Assistência Social

**ECA** – Estatuto da Criança e do Adolescente

**EMDEC** – Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas

**EPV** – Escola Preparatória para a Vida

**FEAC** – Fundação das Entidades Assistenciais de Campinas

**FMDCA** – Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**LOAS** – Lei Orgânica da Assistência Social

**ONG** – Organização Não Governamental

**PEV** – Programa Educando para a Vida

**PRODECAD** – Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente

**UNICAMP** – Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>SITUANDO O PORTFÓLIO</b>	
<b>1.1 O conceito de avaliação formativa.....</b>	<b>06</b>
<b>1.2 O conceito de portfólio: diferentes tipos e utilizações.....</b>	<b>08</b>
<b>1.3 Portfólio, avaliação e aprendizagem.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>SITUANDO A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL</b>	
<b>2.1 Origem do termo e breve panorama mundial.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 A educação não formal no Brasil.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 A educação não formal no contexto da cidade de Campinas.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>A FUNDAÇÃO BEZERRA DE MENEZES</b>	
<b>3.1 Histórico da Instituição.....</b>	<b>23</b>
<b>3.2 As Escolas Preparatórias para a Vida e o Programa Sócio-educativo.....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 A Pedagogia Integrada.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3.1 Criatividade, autonomia e senso crítico.....</b>	<b>30</b>
<b>3.3.2 Auto-avaliação e autoconhecimento.....</b>	<b>31</b>
<b>3.4 A Oficina Brincando e Aprendendo.....</b>	<b>32</b>

## **CAPÍTULO 4**

### **TECENDO RELAÇÕES**

<b>4.1 A construção de projetos na educação não formal.....</b>	<b>34</b>
<b>4.2 Ambientes favoráveis ao uso de portfólios.....</b>	<b>38</b>
<b>4.3 A prática realizada.....</b>	<b>39</b>
<b>4.3.1 Os projetos.....</b>	<b>40</b>
<b>4.3.2 O portfólio.....</b>	<b>42</b>
<b>4.3.3 Possíveis relações.....</b>	<b>43</b>
<b>4.4 Experiências já concretizadas.....</b>	<b>45</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>57</b>

## INTRODUÇÃO

*“Descobri que a leitura é uma forma servil de sonhar. Se tenho de sonhar, porque não sonhar os meus próprios sonhos?”*

Fernando Pessoa

Ao escolher o curso de Pedagogia para prestar no vestibular da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas, já estava claro para mim que meu objetivo principal não era trabalhar dentro de um ambiente escolar tradicional e formal tal qual conhecemos. Mesmo tendo muito da minha formação voltada para essa área, sempre me inclinei para temas como: gestão, educação especial, ensino de jovens e adultos, pedagogia empresarial.

Logicamente que meus estágios necessários ao longo da graduação, além das disciplinas cursadas, me auxiliaram na escolha de que caminho tomar, ainda que sempre afirme que nossos rumos sempre são compostos de inúmeros desvios ao longo da vida. O que quero dizer, é que nunca aboli por completo o fato de um dia dar aulas em salas de aula, seja qual for a faixa etária.

Tanto o é, que durante o final do ano de 2008 e começo do ano de 2009, trabalhei em três escolas diferentes, num período de seis meses apenas. Sempre saía de uma acreditando que na próxima seria diferente e melhor. Que haveria melhores condições de trabalho e que meus respectivos supervisores me entenderiam como estagiária e estudante e, portanto, com muitas coisas por aprender ainda. Entretanto, não era bem isso que acontecia. Eu exercia funções que não deveria, era cobrada como se fosse já uma professora formada, e era tratada como estagiária.

Tal fato acabou me desgastando e resolvi então tentar algo diferente; foi quando comecei a estagiar dentro da educação não-formal. Estagiei em uma instituição que realiza um programa sócio-educativo voltado para a faixa etária dos 6 a 14 anos, atuando como monitora pedagógica, na maior parte do tempo, acompanhando as crianças de 6 a 10 anos que freqüentam o programa, desde a entrada até a saída.

E o que mais me surpreendeu, é que somente naquele ambiente experimentei o prazer de trabalhar com a educação. Dentro daquela instituição, sentia que o trabalho fazia efetiva diferença na vida daqueles sujeitos. E essa área acabou por me trazer muito interesse, tanto que resolvi aprofundar meus estudos, e vi nela a possibilidade de direcionar a minha pesquisa, que teria de ser desenvolvida como requisito para conclusão do curso.

Todavia, havia um pequeno problema, já que minha idéia já tinha se firmado na intenção de realizar trabalho com portfólios, os quais eu havia entrado em contato devido algumas disciplinas da graduação. Eles são normalmente utilizados dentro de espaços formais de educação, até porque na educação não-formal não se existe o hábito de práticas de avaliação. Posso dizer então que, bem como a educação não-formal me suscitou grande interesse na prática, o portfólio o fez dentro da teoria (do âmbito acadêmico).

Após ter realizado o mesmo dentro de um curso voltado para formação de professores, nas disciplinas "Prática de Ensino nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental" e "Estágio Supervisionado I", e ter passado por conflitos interiores que me fizeram crescer em várias esferas, percebi que não era só mais um procedimento que o professor utilizava para poder nos dar uma nota ao fim do curso. Era um

processo que dependia de nossos esforços e que nos fazia verdadeiramente desenvolver e enxergar essa aprendizagem.

Surgiu aí a idéia de relacionar ambos. Dessa maneira, a presente pesquisa intenciona relatar uma experiência envolvendo essas duas temáticas. Partindo da questão central: "É possível uma proposta de portfólio dentro da educação não-formal?" o objetivo inicial da pesquisa é a tentativa de realizar a implantação do portfólio dentro da esfera da educação não-formal, mais especificamente com um grupo de crianças de uma instituição que realiza um programa denominado sócio-educativo.

Conjuntamente com esse objetivo, o exercício efetivo da interdisciplinaridade e da leitura do educador sobre o grupo e suas experiências como requisito permeador de suas atividades, também serão considerados. Afirmando assim que essas posturas devem ser tomadas em conjunto, a fim de garantir maiores retornos nessa prática que envolve completo remodelamento do trabalho pedagógico. Além da ainda do incentivo da auto-avaliação, entendida como exercício de autoconhecimento do aluno, em consonância com a pedagogia da instituição e requisito para a prática com portfólios.

Para tal, o trabalho de campo se deu no ambiente de uma fundação mantida com recursos privados, instalada na cidade de Campinas, interior do estado de São Paulo. A fundação possui quatro unidades, sendo que a unidade em questão situa-se na região sul da cidade, em um bairro periférico. O programa tem como meta atender cerca de 25 crianças de 6 a 10 anos e 35 adolescentes de 11 a 14 anos.

A fim de atingir os objetivos propostos, o tipo de pesquisa desenvolvido neste trabalho foi a pesquisa qualitativa sob a forma do estudo de caso. A pesquisa qualitativa, para Bogdan e Biklen (1982 apud LÜDKE; ANDRÉ, 1986), envolve a

obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto.

O estudo de caso, segundo estas mesmas autoras, é a forma da pesquisa qualitativa que se configura como o estudo de um caso, seja simples e específico ou complexo e abstrato, mas sempre bem delimitado e com seus contornos claramente definidos no desenvolvimento do estudo. Lüdke e André (1986) concluem ainda que no estudo de caso todos os dados da realidade são considerados importantes. A análise dos dados neste tipo de pesquisa tende a seguir um processo indutivo. Não há a preocupação *“(...) em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. As abstrações se formam ou se consolidam basicamente a partir da inspeção dos dados num processo de baixo para cima.”* (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p.13).

Esse trabalho englobou uma série de tarefas, entre elas a realização do portfólio, que foi feito especificamente com a turma das crianças. A escolha foi baseada na série cursada pelos freqüentadores, que no caso dos mais novos, são as séries do Ciclo I do Ensino Fundamental, realidade mais próxima dos estudos feitos dentro do curso de Pedagogia.

A análise da realização do trabalho de campo bem como dos dados advindos dos portfólios e das questões suscitadas, serão feitas à luz de diversos autores e pesquisadores das áreas correlatas, ressaltando a importância da linha seguida por Vigotsky da teoria histórico cultural, que considera a formação do ser como sócio-interacionista.

O texto que se segue, além da introdução, conta ainda com quatro capítulos:

- No capítulo 1, discorre sobre a avaliação formativa e mais especificamente os portfólios;

- No capítulo 2, caminha pela origem do termo *educação não-formal*, passando pelas esferas mundial e nacional, até chegar à realidade de Campinas;
- No capítulo 3, situa a instituição na qual foi realizada a coleta de dados, e;
- No capítulo 4, tece a relação entre as temáticas, através da experiência vivida, além de trazer vivências de outros profissionais.

Nas considerações finais, traz algumas conclusões construídas a respeito da pesquisa apresentada, tecendo relações entre a teoria descrita e os dados coletados.

# CAPÍTULO 1

## SITUANDO O PORTFÓLIO

*"Um portfólio é uma coleção especial dos melhores trabalhos organizada pelos próprios alunos. Eles participam ativamente de todo o processo, construindo o portfólio, identificando os critérios de aprendizagem e selecionando as peças do seu trabalho que demonstram como os critérios foram alcançados. (...) Assim é que os portfólios fazem sentido." (EASLEY;MITCHELL, 2003 apud VILLAS BOAS, 2004, p.39)*

### 1.1 O conceito de avaliação formativa

Avaliação. Desde o momento em que nascemos até o fim de nossos dias, estamos avaliando ou sendo avaliados. Seja sendo julgado por nossos pais, em uma entrevista de emprego, comprando uma peça de roupa ou escolhendo frutas na feira. De uma maneira ampla, vemos que avaliar é:

*"1 estabelecer a valia, o valor ou o preço de (...) 2 determinar a quantidade de; computar (...) 3 ter ideia de, conjecturar sobre ou determinar a qualidade, a extensão, a intensidade etc. de (...) 4 Derivação: sentido figurado. apreciar o mérito, o valor de; estimar (...) 5 ter(-se) em conta (de); considerar(-se), reputar(-se)" (HOUAISS, 2002)*

Isso ocorre fortemente no âmbito educacional. Dentro da rotina escolar, a avaliação acontece em todas as ocasiões. E pode acontecer de maneira informal ou formal. A avaliação formal, geralmente é mencionada anteriormente, a fim de que pais, professores e alunos tomem conhecimento da mesma. É realizada por meio de testes, provas, exames, exercícios ou ainda chamadas orais, e ao final normalmente recebe uma nota ou classificação.

Já a avaliação informal ocorre da interação do aluno, seja com o professor, com os outros alunos ou com os funcionários da escola. Dá-se a todo o momento e espaço do trabalho escolar. Essa avaliação é vista mais comumente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Ela permite um olhar muito mais amplo e traz maiores informações ao professor acerca das capacidades e anseios de seus alunos. Esse tipo de avaliação não é previsível, e por isso mesmo, não é assim tão planejado.

Entretanto, para que ela ocorra de maneira eficiente, o aluno tem de se sentir encorajado em seu processo de aprendizado. E para isso, o professor deve lançar mão de certas posturas que possam constranger o aluno. Cabe ainda dizer, que a avaliação formal é sim importante, o que se busca esclarecer, é que a mesma nem sempre é suficiente para contemplar todos os estilos de aprendizado, podendo a informal complementá-la.

Aí se entra na dúvida: para que serve a avaliação? A quem exatamente ela favorece – se é que favorece alguém? *A priori*, espera-se que a avaliação traga meios de se conhecer o que o aluno aprendeu e o que ainda não aprendeu e, ainda mais importante, providenciar os requisitos para ele aprender o necessário e continuar seus estudos. Dessa maneira, ela favoreceria tanto professor como aluno.

Todavia, o que vemos normalmente é professores utilizando de métodos arcaicos de classificação, reproduzindo suas experiências quando do tempo escolar, a fim de classificar, rotular e reprovar seus alunos. O mais comum é que os professores, fartos de informação e leigos de estratégias para se comunicar efetivamente com seu aluno, tragam à sala as próprias experiências vividas enquanto discente. Tal avaliação, que visa somente à atribuição de notas para aprovar ou reprovar, é denominada avaliação somativa.

De encontro a esse conceito, temos a avaliação formativa, que promove a aprendizagem do aluno, e mais ainda, do professor e envolve todo o trabalho pedagógico desenvolvido na escola. Possui como características a mediação pelo professor; promoção da aprendizagem; consideração do progresso individual (não baseada totalmente em critérios); erro do aluno como fornecedor de informações diagnósticas e; aluno atuante em sua aprendizagem.

Pode-se dizer então que *"(...) é possível construir o entendimento de avaliação formativa como a que promove o desenvolvimento não só do aluno, mas também do professor e da escola."* (VILLAS BOAS, 2004, p. 35) Sendo assim, o sucesso do trabalho de um, conduz ao sucesso do outro, e por isso o professor ao utilizar-se da avaliação formativa deve estar sempre atento para identificar e registrar a aprendizagem do seu aluno. A avaliação formativa é uma maneira de trabalhar visando ao aprendizado do professor e do aluno, os quais, em parceria, tecem o trabalho pedagógico.

## **1.2 O conceito de portfólio: diferentes tipos e utilizações**

Dentro da avaliação formativa, um procedimento que pode ser utilizado é o portfólio. O portfólio, dentro do âmbito escolar, segundo Artur e Spandel, consiste em:

*"(...) uma coleção proposital do trabalho do aluno que conta a história dos seus esforços, progresso ou desempenho em uma determinada área. Essa coleção deve incluir a participação do aluno na seleção do conteúdo do portfólio; as linhas básicas para a seleção; os critérios para julgamento do mérito; e evidência de auto-reflexão pelo aluno."* (ARTUR;SPANDEL, 1992 apud VILLAS BOAS, 2004, p.38)

Ressaltando suas origens, vemos que ele foi retirado das artes, da fotografia e da arquitetura. Os profissionais dessa área usam-no como cartão de visitas, uma espécie de apresentação pessoal e profissional, que contém toda a trajetória do artista, através das obras por ele realizadas.

Possui, dessa maneira, diferentes gêneros, cada qual voltado a um objetivo diferente. A saber:

- Portfólio profissional: Abarca o conjunto de produções profissionais ao longo da trajetória vivida. Utilizado para evidenciar qualidades, currículo, experiências e realizações.
- Portfólio particular ou de apresentação: Coleção de dados considerados importantes dentro de uma dada esfera (seja pessoal ou profissional) para apresentar para amigos, parentes, colegas profissionais ou ainda usar como documentação individual.
- Portfólio de evolução: Tem a característica de apresentar a evolução, a visão global de um dado processo.
- e-Portfólio: Portfólio *on-line*.

Por último, o portfólio reflexivo de aprendizagem, cujo qual é o utilizado no ambiente escolar e que é tomado como base na presente pesquisa. É visto como um instrumento de diálogo entre o professor e o estudante, na medida em que é compartilhado com o professor e enriquecido por novas informações e novas perspectivas. Auxilia a sistematização do processo de avaliação das experiências de ensino-aprendizagem.

### 1.3 Portfólio, avaliação e aprendizagem

A construção do portfólio demanda total envolvimento do aluno, passando a ser construído inteiramente por ele. A avaliação passa a ser um processo, do qual o estudante é participante ativo. Em meio ao processo, ele é capaz de enxergar seu progresso e estabelecer novos objetivos, considerando suas percepções, suas dificuldades e facilidades.

O procedimento de avaliação deixa de ser responsabilidade total do professor, e passa a ser feita uma parceria. Além disso, o aluno passa a ser visto de uma maneira mais subjetiva, suas experiências e anseios passam a ser percebidos e ponderados. Ao enxergar os processos de ensino-aprendizagem, ele é motivado a aprender por prazer, sem a obrigatoriedade por medo de uma futura punição.

Algumas escolas já utilizam do portfólio como parte de seus procedimentos de avaliação. Entretanto, ainda há resistência de alguns profissionais, bem como dos pais e até dos próprios alunos, que acreditam que terão um trabalho dobrado. Muitas vezes, as tentativas de montagem de um portfólio com a turma fracassam, pois falta envolvimento do resto da equipe pedagógica ou então falta uma base sólida para os próprios professores saberem conduzir essa ferramenta.

Turmas muito lotadas e professores que acabam dando aula em várias locais também prejudicam esse trabalho que exige tempo, dedicação e reflexão. Por vezes, eles acabam se tornando meros arquivos de trabalho, que nada mais são que uma coleção indiscriminada das atividades realizadas em sala, e que posteriormente são guardadas em uma pasta ou fichário com o nome do aluno. Tal fato vai de encontro ao conceito trazido por Hernández, de que o portfólio tem de conter:

*"Um continente de diferentes tipos de documentos (anotações pessoais, experiências de aula, trabalhos pontuais, controles de aprendizagem, conexões com outros temas fora da escola, representações visuais, etc) que proporciona evidências do conhecimento que foram sendo construídos, as estratégias utilizadas para aprender e a disposição de quem o elabora para continuar aprendendo". (HERNÁNDEZ, 2000, p.166)*

Para que esse procedimento surta bons resultados, devem ser levados em consideração alguns princípios:

**Auto-avaliação** – avaliação contínua do progresso pessoal;

**Autonomia** – trabalho aberto, com necessidade de tomada de decisões e escolhas independentes;

**Construção** – disposição em realizar um bom trabalho;

**Criatividade** – organização, estilo e modo de apresentação individuais do portfólio;

**Parceria** – co-responsabilidade pela avaliação, juntamente com o professor;

**Reflexão** – análise das produções, correções necessárias, uso de atividades e textos complementares.

Quando utilizados esses princípios, o trabalho com portfólios traz inúmeras vantagens ao aluno e ao professor. Uma delas é o fato de poder contemplar diversas linguagens, acessando assim todos os alunos, desde os mais comunicativos até os mais inibidos. Ademais, as produções trazidas nele evidenciam capacidades, potencialidades e necessidades dos alunos, que acabam revelando sua identidade e falando sobre experiências vividas externamente à escola.

*"O portfólio proporciona um contexto em que a criança pode pensar sobre idéias e conhecimento que adquiriu fora da sala de aula, enriquecendo, assim, as atividades de aula tradicionais, como as de relatar suas experiências próprias. Embora raramente discutida, essa conexão entre a vida escolar e a vida privada da criança é tão importante quanto outras conexões entre o lar e a escola." (SHORES; GRACE, 2001, p.21)*

Possibilita ao aluno avaliar as capacidades de seu pensamento crítico, formulando os próprios objetivos para a aprendizagem. Ademais, facilita o desenvolvimento de pesquisas e projetos, incentivando assim o trabalho colaborativo e a articulação e solução de diferentes situações problema. Tal fato vai ao encontro do objetivo encontrado nos portfólios, de promover nos educandos a *criatividade*, a *iniciativa própria* e o *senso crítico*.

Tendo em vista essa meta, a tarefa do professor, passa a ser, cultivar no aluno a

*“(...) ampliação e diversificação do seu olhar, forçando-o à tomada de decisões, à necessidade de fazer opções, de julgar, de definir critérios, de se deixar invadir por dúvidas e por conflitos, para deles poder emergir mais consciente, mais informado, mais seguro de si e mais tolerante quanto às hipóteses dos outros (...)”* (SÁ-CHAVES, 2000, p.15)

Considerando o feito de o aluno se tornar mais seguro de si, uma estratégia que pode ser utilizada é a socialização do trabalho realizado com os colegas. Isso permite a participação dos alunos no processo de avaliação e aumenta a comunicação entre eles e o professor. É um passo a ser dado no caminho para a prática da auto-avaliação.

Essa prática é mais ligada à avaliação **para** a aprendizagem do que à avaliação **da** aprendizagem. Tem em vista auxiliar o progresso individual do aluno, tomando como base os conhecimentos anteriores e analisando como eles poderão ser utilizados para os próximos passos a serem dados, não dando como encerrado o processo de aprendizagem, que é visto como particular e contínuo.

## CAPÍTULO 2

### SITUANDO A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

*“A consolidação de experiências de educação não formal só é possível devido a uma concepção ampla de educação, pautada numa metodologia dialógica, em que se experimenta, na prática, a construção de um conjunto de ações, reflexões e produções fluido, que se constrói e reconstrói cotidianamente, a partir do que emerge do público participante, havendo assim uma constante troca de saberes entre crianças, jovens, professores, pais, educadores populares e demais membros da comunidade, reconhecendo as diferenças culturais num exercício diário de criatividade e de expressão artística fundamentadas nos indivíduos e na coletividade.” (PARK; FERNANDES, 2005, p.16)*

#### 2.1 Origem do termo e breve panorama mundial

Início do século XX. O mundo é palco de intensos movimentos sociais que se alastram por todo território terrestre. *“(...) a saber, movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer – por meio de um conjunto de procedimentos – e um pensar – por meio de um conjunto de idéias que motiva ou dá fundamentos à ação.” (GOHN, 2006, p.247)*

As transformações ocorridas nas relações de trabalho, as novas formas de produção criadas e os avanços obtidos nos campos da ciência e tecnologia, acabam por acentuar as desigualdades sociais existentes. Além disso, decorrem ainda mudanças na dinâmica do núcleo familiar, ao passo que as mulheres reforçam sua inserção no mundo profissional, com vistas a garantir a sobrevivência dos filhos.

O homem, em meio a essa sociedade em constante transformação, se vê levado pela corrente que o arrasta, corrente essa que exige que o mesmo esteja sempre

pronto para tantas questões que começam a abarcar sua vida social e profissional. Com a chamada *globalização* ainda engatinhando, o ser humano começa a enxergar o mundo de forma mais abrangente, fora de seus limites habituais.

Em meio a todo esse turbilhão, a escola permanece estática e indiferente a tantas mudanças. Cumprindo seu papel de mantenedora do *status quo*, a instituição escolar se incumbia de somente transmitir as classe populares aqueles saberes necessários e exigidos pelas indústrias, para a execução de trabalhos repetitivos e braçais, que não demandavam o aprofundamento em saberes culturais e científicos, mas que ao contrário, podavam-nos, promovendo dessa maneira a alienação de seus operários.

*"Enquanto instituição da modernidade, a escola pública foi incumbida da tarefa de (...) dar um contributo decisivo para o progresso cultural, científico e técnico, e para a construção de percursos de emancipação pessoal e social que libertassem os indivíduos das amarras da ignorância (...) Nos dois últimos séculos, (...) foi cumprida uma parte desses (...) ideais, mas outra parte está por cumprir. (...) das gerações que passaram pela escola pública (...) muitos (...) ficaram (...) pelo caminho porque essa mesma escola não soube, não pôde ou não quis evitar a tendência para cumprir (...) a função de reprodução cultural consonante com os conhecimentos, interesses e valores dominantes, de indução classista de trajetórias de escolarização mais ou menos discriminatória, e mesmo de legitimação de desigualdades e exclusões diversas." (AFONSO, 1989 apud VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 29)*

A insatisfação popular, que crescia devido aos intensos conflitos e mais fortemente no período entre guerras, acaba por recair também nas questões educacionais. O sistema formal de ensino é atacado por uma série de críticas cujas quais, afirmam que o mesmo não conseguiu acompanhar e realizar de maneira satisfatória todas as cobranças sociais existentes.

Ademais, a reestruturação do núcleo familiar burguês, termina por desestruturar o elo família-escola, até então posto pela sociedade como base para uma educação aceitável e condizente com os padrões impostos. E como essas não conseguiam mais suprirem sozinhas as necessidades de formação de crianças e adolescentes, bem como não tinham condições imediatas de realizar uma mobilização educacional, foi preciso a criação de outras opções.

A partir daí, o termo *escola* dá início ao processo de dissociação do termo *educação*, que até então eram considerados sinônimos. Diversas práticas que evidenciavam uma relação de ensino-aprendizagem, mas que não contemplavam uma série de quesitos (e por isso não eram consideradas práticas educacionais) começam a despontar e ganhar certo reconhecimento.

Esse conjunto de práticas recebe o nome de *educação não-formal*: “*uma atividade educacional organizada e sistemática, levada a efeito fora do marco de referência do sistema formal, visando propiciar tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos particulares da população, sejam estes adultos ou crianças.*” (GOHN, 2001, p. 91) Em linhas gerais, podemos destacar como principais divergências entre a educação não formal e a formal:

<b>Tipos de Aprendizagem<sup>1</sup></b>	
<b><i>Escolas Tradicionais</i></b>	<b><i>Associações Democráticas para o Desenvolvimento</i></b>
Apresentam um caráter compulsório	Apresentam um caráter voluntário
Dão ênfase apenas à instrução	Promovem sobretudo a socialização
Favorecem o individualismo e a competição	Promovem a solidariedade
Visam a manutenção do <i>status quo</i>	Visam o desenvolvimento
Preocupam-se essencialmente com a reprodução cultural e social	Preocupam-se essencialmente com a mudança social
São hierárquicas e fortemente formalizadas	São pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas
Dificultam a participação	Favorecem a participação
Utilizam métodos centrados no professor-instrutor	Proporcionam a investigação-ação e projetos de desenvolvimento
Subordinam-se a um poder centralizado.	São por natureza formas de participação descentralizada.

**Tabela 1**

Segundo Afonso,

*"Por educação formal, entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas enquanto que (...) a educação não-formal, embora obedeça a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas), diverge ainda da educação formal no que respeita à não-fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto."* (AFONSO, 1989, apud VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 9)

<sup>1</sup> (AFONSO, 1992, p.90)

Incorpora ainda a estes aspectos, um diferencial: a preocupação com a mudança ou transformação social por buscarem projetos de desenvolvimento. A educação não-formal propicia a reflexão sobre as desigualdades sociais e possíveis encaminhamentos para sua superação, além de oferecer possibilidades diferentes das escolares, não burocratizadas, menos hierarquizadas,

Apesar de neste sentido, a educação não-formal avançar em relação à educação formal, não deve tomar para si a responsabilidade de reerguer o sistema educacional formal, até porque, através disso estaria afirmando e contribuindo para o fim da escola pública, que é de dever do Estado. Uma não deve pensar em suprimir a outra, mas sim em maneiras de caminharem juntas. As duas modalidades devem ser oportunizadas a toda a população, desde que garantidas a qualidade nesse oferecimento. Desse modo, seriam acessíveis aos cidadãos essas diferentes formações, tão importantes para a construção do ser social.

## **2.2 A educação não formal no Brasil**

Seguindo a escala mundial, em âmbito nacional, também é crescente a insatisfação popular no início do século passado.

*“O século XX, desde seu início, imprimirá um novo caráter às lutas sociais no Brasil. O caráter urbano passa a ter tonalidade própria, criada a partir de uma problemática que advém das novas funções que passam a se concentrar nas cidades. Progressivamente a indústria, e as classes sociais que lhes são caudatárias, orientará as ações e os conflitos que ocorrem no meio urbano. Consequentemente, novas categorias de lutas surgirão (...)” (GOHN, 2001a, pp.59-60)*

Segundo essa autora, dentro dessas novas categorias que surgiram, cresce na década de 70 os movimentos em busca da criação dessa nova oferta de educação – a não formal.

Essa modalidade surgiu por meio da deficiência existente no setor público educacional, defasado no sentido de não transmitir a população saberes igualmente necessários a sua cultura e socialização, mas que eram (e ainda muitas vezes são) considerados como extracurriculares, como o ensino da música, do teatro, de esportes, entre outros. E nos últimos anos, vemos que essa vem se caracterizando por propostas de trabalho voltadas para a camada mais pobre da população.

Para entendermos esse processo, realizemos uma breve análise da condição da infância em nosso país. O que se observa é que sempre foram criadas estratégias na tentativa de conter ou então ao menos controlar a massa de *menores* (entendida como crianças abandonadas) que cada vez mais crescia dentro das grandes cidades. Essas crianças, sem ter uma família constituída nos moldes europeus e burgueses de núcleo familiar, eram abrigadas de uma maneira ou de outra. Ora por instituições religiosas, ora pelo governo, ora pela própria sociedade.

Com o passar do tempo, essa massa acabou sendo abarcada pelo sistema público de ensino, considerando-se não mais apenas as crianças abandonadas, mas também aquelas filhas de pais com baixa renda – população que tanto cresce hoje em dia. Entretanto, esse sistema, do modo como está estruturado atualmente, não preenche todas as lacunas necessárias para a formação do sujeito integral, crítico e atuante no meio em que vive.

A crescente demanda versus as más condições não só de estrutura, mas igualmente de trabalho dos profissionais da educação, foram reafirmando práticas que

exigissem cada vez menos raciocínio por parte dos alunos e que fossem meramente reprodutivas. Tal situação visava esforços menores, devido ao pouco tempo e grande quantidade de alunos dentro das salas de aula.

Atualmente, alguns pesquisadores já falam em falimento total do sistema público de ensino brasileiro. Muitas instituições de educação não-formal acabam sendo custeadas pelo próprio Estado, que vê grandes dificuldades em realizar mudanças drásticas nesse sistema, enxergando na educação não-formal uma forma de garantir um retorno à sociedade, “terceirizando” o serviço.

Tendo como objetivo preencher as lacunas deixadas pela educação pública, a clientela dessas instituições é composta em sua grande maioria por crianças, jovens e adolescentes que perderam a infância e por isso não tiveram a chance de brincar, por ter de trabalhar. Tal situação, a longo prazo, ameaça a criatividade futura da sociedade.

O espaço da educação não-formal, bem como o trabalho do educador e seu vínculo afetivo, é capaz de elaborar práticas significativas à essa população envolvida, remetendo à infância perdida, ao brincar, a criatividade, às artes, ao trabalho com o corpo, a reavivação de sua cultura, etc.

Além disso, o que ocorre, é que a maioria dos freqüentadores, são estudantes em situação de risco, ou seja, vão à escola, mas estão em vias de perder o vínculo por já não verem mais significado nas informações que lá lhes são passadas.

*“(...) estudantes em situação de risco seriam aquelas crianças e adolescentes que, embora provenientes dos setores mais pobres da população, conseguiram estar freqüentando a escola pública, mas nela não estariam encontrando nem discutidas, nem valorizadas, as raízes socioculturais e a visão de mundo que a família ou o grupo de convivência lhes forneceu. Eles se encontrariam, então, prestes a abandonar um sistema escolar que os discrimina e oprime (...)” (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p.59)*

Uma estratégia utilizada por essas instituições, no sentido de garantir a escolarização dessas crianças, é a obrigatoriedade do vínculo com a escola formal: a assiduidade e, às vezes o desempenho escolar, são verificados pelas instituições.

Dessa maneira, podemos inferir que a escola, como já dito por Afonso, exerce a função de manutenção do *status quo*, descartando os anseios e necessidades de seus alunos, os maiores prejudicados. Através de práticas que tem por objetivo rotular, reprovar, vigiar e discriminar, ela acaba por excluir seus alunos. Ao invés de se tornar um espaço promovedor da socialização e da inclusão, se torna marcado pela exclusão.

O que cabe agora é a ressignificação e reconstrução das identidades institucionais, visto que o surgimento da educação não-formal não se dá com o objetivo de ocupar o espaço ou substituir o papel da educação formal, mas para dividir e partilhar os diferentes fazeres desse novo tempo.

### **2.3 A educação não formal no contexto da cidade de Campinas**

A cidade de Campinas, com relação ao número de instituições e organizações do terceiro setor que possui, somente perde para grandes pólos como São Paulo, Porto Alegre e outras capitais. De acordo com levantamento realizado<sup>2</sup>, a Prefeitura Municipal de Campinas possui 174 instituições cadastradas, embora o IBGE aponte que há cerca de 1640 instituições atuando na área assistencial na cidade.

Movimentam aproximadamente R\$ 50 milhões por ano. Desses, R\$ 30 milhões advêm do setor privado, R\$ 9 milhões da FEAC (Fundação das Entidades Assistenciais

---

<sup>2</sup> (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, pp.21-26)

de Campinas) – que promove uma assessoria aos projetos de educação não formal à ela vinculados, R\$ 6 milhões do governo municipal, R\$ 480 mil do governo estadual e R\$ 810 mil do governo federal.

Além dessas verbas, as ONGs conseguem captar recursos através de legislações voltadas a esse fim. A Lei Rouanet, atrelada ao Ministério da Cultura, e que permite o abatimento de 4% do imposto de renda; a Lei do Incentivo Fiscal para Pessoas Físicas, que permite o abatimento de 6% do imposto de renda e; a Lei do Incentivo Fiscal para Pessoas Jurídicas, que autoriza o abatimento de 1% do imposto de renda.

Todos os recursos conseguidos através dessas leis vão se somando e compõem o Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o FMDCA. Esse é controlado pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, o CMDCA, que é um órgão deliberativo sobre as políticas públicas relativas à criança e ao adolescente no município. Posteriormente o montante é distribuído às instituições e programas cadastrados, o partilhamento é feito tomando como base uma série de normas e propostas.

No ano de 2005, eram 155 o número de entidades e 189 o de programas independentes; aumento significativo se formos considerar os dados de 2001, que contavam com somente 17 instituições no cadastro. Em 2004, o valor total do dinheiro que foi acumulado e após dividido foi de R\$ 3 milhões.

Em linhas gerais, essas instituições atendem à faixa etária de 6 a 18 anos e têm como pré-requisito, a matrícula na educação formal, atendendo em horário oposto ao escolar. Os profissionais envolvidos podem ser voluntários, contratados ou estagiários, com formação principalmente em assistência social, psicologia, pedagogia, técnicos de



saúde e educação física. As atividades desenvolvidas comumente são esportivas, artísticas, artesanais, lúdicas, danças ou de cunho religioso. Há também cursos profissionalizantes.

Boa parte possui um caráter mais assistencialista, com o pensamento em retirar as crianças da rua, e preocupadas com os riscos de marginalidade, realizando um trabalho dito preventivo. Entretanto, vale salientar que algumas buscam realizar um trabalho mais transformador, voltado à formação cultural e questões sociais.

## CAPÍTULO 3

### A FUNDAÇÃO BEZERRA DE MENEZES

*“O autoconhecimento é o caminho que nos leva à nossa verdadeira realidade interna e nos prepara para trilhar o caminho da aprendizagem universal e das descobertas infinitas.”*

Paulo Zabeu

#### 3.1 Histórico da Instituição

Tudo começou pelas mãos de Antônio Sousa Ramos que, nascido em família humilde, aos 18 anos, começou a alfabetizar crianças e adultos na fazenda onde seus pais trabalhavam. A partir desse trabalho, em 1954, surgiu a Casa de Caridade Bezerra de Menezes, na qual implantou cursos profissionalizantes de datilografia e costura, unindo ao aprendizado técnico dos cursos, a formação para a vida. Esta era sediada em Campinas, interior do estado de São Paulo.

Porém, em 17 de outubro de 1972, veio a falecer. Quem deu continuidade ao seu trabalho foi seu filho, Paulo Zabeu de Sousa Ramos, que na época era estudante de Direito; e que por sua vez, tinha como ideal trabalhar pela educação integral do ser. Acreditava que a educação era a melhor forma de auxiliar crianças, adolescentes e adultos menos favorecidos a descobrirem seu potencial interno e buscarem uma condição de vida melhor.

Sendo assim, não mediu esforços para unir pessoas voluntárias em torno desse seu objetivo. Conjuntamente com os membros que freqüentavam a Casa de Caridade, realizava um trabalho de caráter educacional e de assistência social em um bairro

periférico, distante cerca de 30 quilômetros do centro da cidade de Campinas, chamado Descampado.

Este bairro era muito pobre, com ruas de terra, barracos, crianças desnutridas e anêmicas. Doenças e sujeira tomavam conta do local, não havia posto de saúde, água encanada, tratamento de esgoto nem escola para a população. Como maneira de amenizar a situação, voluntários da instituição prestavam atendimento médico e doavam remédios – conseguidos em campanhas – para as pessoas do bairro. Tudo isso era feito em uma casa cedida por uma moradora local.

Passados alguns anos, mais precisamente em 1985, Paulo Zabeu solicitou à prefeitura de Campinas um terreno para construir um núcleo onde pudessem ser feitas atividades com as crianças, adolescentes e famílias do bairro. Esse pedido foi atendido, entretanto o terreno doado ficava num brejo, em uma região íngreme e coberta por sapê, criando assim muitas dificuldades para transformar aquele espaço.

Mas, como o número de voluntários havia crescido, foi criada uma equipe para limpar o terreno. Posteriormente, a prefeitura aplainou o terreno com o uso de tratores, para melhor aproveitamento do mesmo. O esboço do prédio foi criado pela arquiteta Mitie, que ainda é integrante da Fundação, e em 1986, foi inaugurado o Núcleo Comunitário Francisco de Assis.

Depois de inaugurado, o núcleo foi sede por três anos (entre os anos de 1988 e 1990) da escola noturna de alfabetização para adultos. Durante a semana, cedia seu espaço ao funcionamento da primeira escola de ensino fundamental do bairro, que hoje, em homenagem ao Núcleo, é chamada de Escola Estadual de Primeiro Grau “Francisco de Assis”.

No ano seguinte, no dia 16 de março de 1987, a então Casa de Caridade passou a denominar-se Fundação Bezerra de Menezes. Atualmente, é uma ONG sem fins lucrativos de caráter educacional. Tem seus pilares no trabalho voltado para a educação de crianças, adolescentes e seu grupo familiar nos bairros mais carentes das cidades de Campinas e Francisco Morato. Busca na filosofia, na educação, na ciência e na arte, educar através do autoconhecimento, preparando seus educandos para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

O trabalho realizado é baseado na Pedagogia Integrada, criada e desenvolvida pelo fundador da instituição Paulo Zabeu, cuja proposta é educar a criança, o adolescente e o adulto para despertar habilidades e competências que os preparem para administrar seu maior empreendimento – a vida. Seus alicerces são o trabalho voluntário, o desenvolvimento do ser humano e o seu autoconhecimento.

Em 2000 tornou-se reconhecida como Utilidade Pública Federal - Decreto n.º 969 de 06 de novembro. Seus Programas Educacionais são registrados no CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, sendo também reconhecida no CNAS - Conselho Nacional de Assistência Social, como entidade de Assistência Social. A instituição oferece gratuitamente em suas unidades, os seguintes programas educacionais:

- Programa Educando para a Vida com Autoconhecimento;
- Programa Sócio-Educativo;
- Programa de Incentivo ao Protagonismo Juvenil - Formação do Profissional do Futuro;
- Programa de Orientação e Apoio Sócio-Familiar.

Tais programas, seguem as Leis de Diretrizes e Bases da LOAS – Lei Orgânica de Assistência Social e o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Além disso, a Fundação, como auxílio à manutenção de suas atividades, promove feiras da fraternidade, pizzadas, bazares da solidariedade, brechós e jantares beneficentes; bem como uma campanha permanente visando arrecadar contribuições espontâneas e destinação do imposto de renda via FMDCA – Fundo Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente; e parcerias com órgãos públicos e privados.

### **3.2 As Escolas Preparatórias para a Vida e o Programa Sócio-educativo**

O desenvolvimento dessas atividades se dá nas Escolas Preparatórias para a Vida, conhecidas como EPVs. São escolas de Educação não Formal, onde crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos podem se autoconhecer e desenvolver suas habilidades, resgatando a auto-estima e incorporando valores e atitudes que possibilitam o fortalecimento da autonomia e a formação social.

Como visto anteriormente, o primeiro núcleo, construído em 1986, hoje é conhecido como EPV I ou Núcleo da Vila Palmeiras, nome atual do bairro. Todas as escolas oferecem o Programa Educando para a Vida (PEV), que é realizado aos sábados de manhã. Ao longo da semana, cada EPV difere em sua programação.

Em 1988 foi criado o Núcleo Comunitário de Educação Integral Emmanuel, hoje EPV II – Escola Preparatória para a Vida II. A EPV II, devido a sua localização mais central, tornou-se a sede administrativa da fundação, além de abrigar o Instituto de Yoga Natural e a Escola de Informática e Cidadania, criada em parceria com o CDI –

Comitê para a Democratização da Informática. Oferece cursos de informática, inglês, aulas de yoga, cursos profissionalizantes em parceria com o CEPROCAMP (Centro de Educação Profissional de Campinas Antonio da Costa Santos); além de manter um bazar permanente de roupas e móveis usados, e produção de doces e salgados para revenda.

Já a EPV III (Escola Preparatória para a Vida III) é também conhecida como Projeto Sol. Desenvolve as oficinas oferecidas dentro do Centro de Convivência Intergeracional. Essas ocorrem de segunda a sexta no período da tarde. Os freqüentadores se matriculam nas oficinas de seu interesse e que são voltadas para sua faixa etária, que se inicia desde os 6 anos, sem limite de idade. São elas: futebol, vôlei, capoeira, dança, yoga, corpo em movimento, brincando e aprendendo, artesanato, artes plásticas, preparação para o mercado de trabalho e cursos profissionalizantes do CEPROCAMP.

Em 1989, foram fundados os Núcleos IV, denominado Lucas e V, chamado Simão Pedro. Antigamente eram localizados na Rua Moscou e no Bairro Cafézinho, da periferia de Campinas. Atualmente, as EPVs IV e V foram unificadas e a população é atendida atualmente pela EPV II, devido a sua localização próxima.

Em 1994 foi incorporado à fundação a EPV VI, Oásis de Luz, que fica localizada em Francisco Morato, nas proximidades da cidade de São Paulo. Este núcleo, hoje é chamado de EPV IV, o único que não é localizado na região de Campinas. Não possui atividades durante a semana, só funcionando aos sábados.

Retomando a realidade da EPV que foi tomada como base para a realização da pesquisa, EPV I, ela oferece atividades de segunda a sábado: cursos profissionalizantes do CEPROCAMP, curso de informática em parceria com o CDI,

oficinas do programa de protagonismo juvenil, apoio e orientação sócio-familiar, oficinas de geração de renda, PEV aos sábados e o Programa Sócio-educativo.

Esse último oferece oficinas de yoga, artes plásticas, música, brincando e aprendendo e esportes para crianças de 6 a 10 anos. Já para os adolescentes, os cursos são dança, yoga, teatro, artes plásticas, aprendendo a ser e a conviver, música, artesanato, informática e esportes.

Diferentemente do centro de convivência, os matriculados não escolhem por oficina, freqüentando a instituição todos os dias da semana. É levada em consideração a matrícula na escola formal, salvo os casos em que não há vaga por parte da escola. A freqüência e o desempenho escolar também são acompanhados. Dentro do programa, são imprescindíveis a freqüência, a disciplina e o compromisso por parte do educando.

O programa, que possui co-financiamento pela Prefeitura Municipal de Campinas, visa oferecer aos educandos uma nova maneira de vivenciar, identificar e incorporar valores positivos que os levem a autoconhecer-se, a amar a si mesmos e a respeitar e valorizar a vida construindo e exercendo a cidadania.

### **3.3. A Pedagogia Integrada**

A proposta educacional da Fundação é *"Levar a criança, o adolescente e o adulto a se autoconhecer, descobrindo seu verdadeiro potencial interno, despertando (...) virtudes (...) Estimular a Iniciativa própria, o Senso Crítico e a Criatividade"* (MARTINES; RAMOS, 2006, p.11); sendo que os objetivos dessa proposta são o de levar os educandos a encontrarem seu equilíbrio emocional, a consciência de si e de

mundo, a sua força de vontade para resgatar sua auto-estima e sua força interna, para que construa uma gama de discernimento, pautada na ética e na cidadania.

Para atingir esses objetivos, há um método de trabalho que é utilizado dentro das EPVs, denominado de Pedagogia Integrada. Esse método foi organizado por Paulo Zabeu, um dos fundadores da instituição. Baseia-se nos seguintes procedimentos:

- As 5 regras;
- A Maiêutica;
- O Ensino Peripatético;
- O Yoga Natural;
- O Rala Yoga;
- A meditação.

As 5 regras são consideradas o eixo central da Pedagogia Integrada. A primeira delas é *observar*, ela envolve basicamente duas situações: prestar atenção – que é focar na sua atividade momentânea e, percepção – que é ir além daquilo que está sendo visto. Podemos dizer que *observar* seria tentar entender aquilo que não é possível ver, enxergar o que está por trás de dado acontecimento.

A segunda regra é o *refletir*: criterizar os pensamentos e conhecimentos existentes, abrindo um leque de soluções para o conflito enxergado e escolher qual seria a mais apropriada para o momento e local. Na seqüência, a terceira regra é o *tomar atitude*. Após ter observado a situação e refletido sobre a escolha certa, chega a hora de decidir internamente. Para sair da acomodação e não deixar pendências se acumularem, é necessário planejamento, para que tudo ocorra da melhor maneira possível.

Após as regras já citadas, segue-se a quarta: *agir*. É fazer o que tem de ser feito (e que foi planejado), em qualquer tempo e qualquer lugar. Por último, a quinta regra é o *saber esperar*, ter a paciência para que o processo de mudança esperado ocorra, e investindo no mesmo através de novas ações.

Além das 5 regras, utiliza-se a *maiêutica* e o *ensino peripatético*. Ambos têm sua origem em Sócrates, filósofo grego que viveu em Atenas, cerca de 450 a.C.. Segundo ele, a *maiêutica* é a arte de dar a luz ao conhecimento, indo em busca da verdade em seu eu interior, através de questionamentos que o levassem a reflexão e a conclusões. Já o *ensino peripatético* é aprender através dos exemplos da natureza.

O Yoga natural é outra prática utilizada. Na verdade, são exercícios voltados para produtividade, que unificam corpo, mente e espírito. O Rala Yoga é a prática do Yoga Natural dentro dos núcleos, que desperta a força interna dos indivíduos. A meditação é a maneira encontrar para a realização desse método com uma maior assertividade. É utilizada entre educadores e também entre educandos.

### **3.3.1. Criatividade, autonomia e senso crítico**

O efetivo exercício da Pedagogia Integrada pelos educadores não é tarefa fácil. Ela necessita de um remodelamento não somente das práticas profissionais, mas também pessoais do educador. Ela abrange questões diversas e exige posturas que ultrapassam os limites do trabalho com os educandos. Todavia, segundo o método, o exercício do mesmo no cotidiano traz seus resultados.

Segundo a metodologia, vemos que as 5 regras estão sendo levadas a efeito e fazendo diferença em nossa prática e na vida dos educandos quando: *“(...) não se deixam levar pelas emoções, enfrentam os desafios, rapidamente trazem soluções simples buscando a reflexão e quando, observamos em suas atitudes a presença da iniciativa própria, do senso crítico e da criatividade.”* (MARTINES; RAMOS, 2006, p.29) Esses são os 3 princípios da Pedagogia Integrada.

A *iniciativa própria* “*É a capacidade de fazer, a qualquer tempo em qualquer situação, aquilo que tem que ser feito.*” (MARTINES; RAMOS, 2006, p.29) O *senso crítico* “*É a capacidade de avançar e recuar exercendo as virtudes e o conhecimento.*” (MARTINES; RAMOS, 2006, p.30) Por último, a *criatividade* “*É a capacidade de desenvolver do nada, recursos necessários para solucionar problemas utilizando o tempo e espaço mínimo disponível.*” (MARTINES; RAMOS, 2006, p.31)

### **3.3.2. Auto-avaliação e autoconhecimento**

A Pedagogia Integrada visa levar o educando ao autoconhecimento, por meio das práticas acima citadas. Considera como alavancas impulsionadoras a promoção do mesmo a *força de vontade* e a *força interna*. A *força de vontade*:

*“É o poder de ação do querer, projetando o ser para um movimento externo. É um instrumento (...) base para o autoconhecimento. (...) é a ferramenta que você tem para superar seus limites e encontrar soluções inteligentes e conhecidas, saídas que você já possui, devido a sua experiência de vida; ou seja, o universo de coisas que você já domina.”* (MARTINES; RAMOS, 2006, p.41)

Enquanto que a *força interna* "(...) é proporcional ao resumo de todas as nossas ações para o bem do todo. É o sumo de nossas virtudes armazenadas em nossa consciência. (...) Quem possui a *força interna em ação* (...) Tem o poder de transformar o seu meio; está sempre disposto a transmitir seus conhecimentos." (MARTINES; RAMOS, 2006, p.43)

Considerando que a prática do autoconhecimento leva a reflexão do ser, analisando suas facilidades e dificuldades, seu progresso individual e o próximo passo a ser dado, podemos deduzir que há uma ligação dessa com a prática da auto-avaliação. Diferindo apenas no sentido de que uma está mais ligada ao âmbito pessoal e emocional, e a última ao âmbito escolar – ou profissional – e racional. A auto-avaliação pode ser considerada assim como promotora do autoconhecimento.

### **3.4. A Oficina Brincando e Aprendendo**

A oficina Brincando e Aprendendo faz parte do programa Sócio-educativo e é oferecida à turma de crianças de 6 a 10 anos. Ocorre todas as quintas feiras de manhã no horário das 9 às 10 horas. Seu objetivo inicial é o de trazer as crianças conteúdos ditos escolares, porém trabalhados de uma maneira lúdica.

Durante o ano de 2008, passaram como responsáveis pela oficina três educadores, sendo o primeiro um voluntário, e os últimos dois estagiários de pedagogia. Não havia um planejamento prévio para a execução das atividades, sendo executada alguma brincadeira ou atividade de acordo com o material e quantidade de crianças presentes no dia.

Além disso, havia ao final do ano uma chamada "avaliação", que segundo consta do planejamento semestral da instituição, seria por meio da análise de portfólios construídos ao longo do semestre. Entretanto, conforme foi verificado, os chamados portfólios, na verdade eram pastas que continham a coleção indiscriminada dos trabalhos realizados naquele determinado período de tempo.

*"Um arquivo e um portfólio não são a mesma coisa, embora ambos contenham peças de trabalho de alunos. Um arquivo é simplesmente uma coleção de trabalhos dos alunos. Em contraste, o portfólio é uma seleção refinada e trabalhos do aluno. Um portfólio não é apenas um arquivo, mas é parte de um processo de avaliação que ensina os alunos a avaliar e apresentar seus próprios trabalhos." (VILLAS BOAS, 2004, p.39)*

Partindo dessa premissa, durante o ano de 2009 a proposta foi a realização de portfólios reflexivos de aprendizagem, baseados na execução de projetos de ensino, com o objetivo não da avaliação dos conhecimentos adquiridos, mas da auto-avaliação, considerando o aprendizado particular do educando.

## CAPÍTULO 4

### TECENDO RELAÇÕES

*“Tem hora que a gente se pergunta  
Por que é que não se junta tudo numa coisa só?”*

*Poeta, ouvidor, desenhista, músico, malabarista...  
Comediante o que for  
Todo mundo procura um lugar, pra poder compartilhar...  
Da dor e da alegria”*

Fernando Anitelli

#### 4.1 A construção de projetos na educação não formal

No interior dos ambientes em que se oferecem educação não formal, encontramos muitas vezes trabalhos realizados por profissionais não qualificados, bem como práticas não refletidas ou mal planejadas. Longe de se querer um padrão e uma formatação existentes na educação formal – que tem de contemplar um currículo pré-estabelecido – deve-se ao menos primar pela qualidade nas experiências ofertadas, garantindo a existência de uma equipe técnica e o devido planejamento das práticas educacionais.

Sabe-se que um dos principais objetivos da educação não formal é o resgate e a valorização da cultura local, promovendo o aprendizado e o desenvolvimento a partir das experiências e histórias trazidas pelos educandos e pela comunidade local, criando atividades propiciadoras a essa troca.

Tal fato vai ao encontro da Teoria Histórico-Cultural conceituada por Vigotsky, que destaca o papel do contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, sendo chamado de sócio-interacionista.

*“(...) a atividade humana, resultado do desenvolvimento sócio-histórico, é internalizada pelo indivíduo e vai constituir sua consciência, seus modos de agir e sua forma de perceber o mundo real, a compreensão do contexto cultural no qual ela ocorre, é essencial para a compreensão dos processos psicológicos. Conforme se transforma a estrutura da interação social ao longo da história, a estrutura do pensamento humano também se transformará.” (OLIVEIRA, 1997, p.99)*

Segundo Vigotsky, a consciência e a origem do pensamento abstrato no homem provêm da interação do organismo com as condições de vida social, e com as formas histórico-sociais de vida da espécie humana. Sendo assim, a origem das mudanças que ocorrem no homem, ao longo do seu desenvolvimento, está, segundo seus princípios, na sociedade, na cultura e na sua história.

Ainda em relação ao desenvolvimento do processo ensino aprendizagem, enfatiza que *“O aprendizado é mais do que a aquisição da capacidade de pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas. O aprendizado desenvolve várias capacidades de focalizar a atenção sobre várias coisas.”* (VIGOTSKY, 2007, pp.92-93)

Aliando esses conceitos ainda ao fato de que, o educador dessas instituições, procura estabelecer um vínculo maior com seus educandos, buscando compreender sua realidade, seus anseios e dúvidas, podemos ver no trabalho com projetos, uma ferramenta auxiliadora de todo esse processo. Através do desenvolvimento desses, é possível vivenciar o aprendizado através de um processo investigativo, no qual o aluno *“pergunta-se, investiga-se, problematiza-se, questiona-se, sente-se, valoriza-se,*

*exterioriza-se, partilha-se, duvida-se, faz-se, realiza-se, avalia-se, decide-se, produz-se e constrói-se*" (CORTESÃO et al., 2002, p.36), dando margem para muitos desdobramentos.

Podemos conceituar esses projetos como projetos de aprendizagem, visto que o professor é visto como mediador, "*Mediação, em termos genéricos, é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação; a relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por esse elemento.*" (OLIVEIRA, 1997, p. 26), orientando e fomentando a investigação e a construção do trabalho colaborativo, no qual ambas as partes participam do processo de criação do mesmo, tomando como base as experiências já vividas:

*"Fazer um projeto de aprendizagem significa desenvolver atividades de investigação sobre uma questão que nos "incomoda", desperta nossa atenção, excita nossa curiosidade. Isso pode se realizar de maneira individual ou em pequenos grupos de trabalho. O resultado material é uma coleção articulada de documentos produzidos através de levantamentos, debates, reflexões, sínteses, etc, utilizando diferentes linguagens de representação."* (FAGUNDES et. al., 2006, p.30)

O professor não é mais aquele que se coloca como centro do processo, que "ensina" para que os alunos passivamente aprendam. Tampouco é aquele organizador de propostas de aprendizagem que os alunos deverão desenvolver sem sua intervenção. De acordo com Vigotsky ele é o agente mediador deste processo, propondo desafios aos seus alunos e ajudando-os a resolvê-los. Com suas intervenções estará contribuindo para o fortalecimento de funções ainda não consolidadas, ou para a abertura de zonas de desenvolvimento proximal.

O processo de constituição de conhecimentos passa a ter uma importância vital e, portanto, deve ser considerado tão importante quanto o produto. Agora, a

reorganização das experiências de aprendizagem deve considerar o quanto de colaboração o aluno ainda necessita, para chegar a produzir determinadas atividades, de forma independente.

Desta forma o professor poderá avaliar, durante o processo, não somente o nível das propostas que estão sendo feitas, mas, sobretudo, o nível de desenvolvimento real do aluno - revelado através da produção independente - bem como seu nível de desenvolvimento proximal - onde ainda necessita de ajuda. E para que todo este processo tenha condição de se consolidar, o diálogo deve permear constantemente o trabalho escolar, já que a linguagem é a ferramenta psicológica mais importante.

Enquanto no referencial construtivista o conhecimento se dá a partir da ação do sujeito sobre a realidade (sendo o sujeito considerado ativo), para Vigotsky, esse mesmo sujeito não é apenas ativo, mas interativo, porque constitui conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais, pela mediação feita por outros sujeitos.

Vigotsky destaca o papel do contexto histórico e cultural nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, sendo chamado de sócio-interacionista, e não apenas de interacionista. Destaca ainda as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental.

Por meio dos projetos de aprendizagem, o conhecimento a ser construído pelo aluno passa a ter vínculo com o contexto no qual ele vive satisfazendo as expectativas, motivações e interesses dos alunos, contemplando a bagagem cultural trazida e a interdisciplinaridade necessária para a resolução de problemas, sejam eles de cunho científico ou relacionado a atividades da vida diária.

## **4.2 Ambientes favoráveis ao uso de portfólios**

Segundo Villas Boas (2004), trabalhar com o portfólio implica saber assumir riscos. Dentro do espaço da educação formal, os professores encontram uma série de dificuldades na implantação dessa ferramenta, principalmente no ensino médio, os quais são cobrados do preparo para o vestibular.

Como já dito anteriormente, uma turma muito numerosa e a não adoção desse procedimento por todo o corpo pedagógico da instituição também prejudicam o processo. Outro fato ainda, é o da obrigatoriedade da atribuição de notas às atividades além da possibilidade da falta de organização de tempo por parte de aluno, que tem de conviver com diferentes modelos de avaliação.

Muitas vezes, diante desses obstáculos, os professores acabam deixando de lado, voltando ao sistema da avaliação classificatória, ou ainda fazendo uso do portfólio para o emprego dessa. O trabalho com os portfólios sem a devida reflexão e dedicação exigida, pode acabar em um resultado que seja esteticamente belo, mas com seu conteúdo pobre; ou o aluno termina por privilegiar algumas formas de expressão em detrimento de outras.

Algumas maneiras de se evitar esses percalços seria a estruturação de todo o curso, a consideração de inserção do mesmo no conteúdo de dada disciplina, contando com a participação na preparação por parte do alunado e o uso adequado de seus resultados. Para isso, devemos atentar para a formação e a fundamentação teórica do profissional que o utiliza.

Entende-se então que o trabalho coletivo por parte da equipe técnica, um currículo mais flexível, alunos e profissionais empenhados bem como turmas

adequadas ao número de adultos presentes são fatores que podem **favorecer** ao uso de portfólios.

O ambiente da educação de não formal colabora no sentido da não obrigatoriedade em atribuição de notas, turmas não numerosas, conteúdos e tempos flexíveis; embora possa desfavorecer na medida em que se encontram dificuldades para a realização de um trabalho contínuo e a disponibilização de uma equipe qualificada.

Salientando que não há exclusão de nenhum tipo de instituição ou profissional que deseje fazer uso de tal metodologia, entretanto trazendo a idéia de que sempre serão encontradas maiores ou menores conflitos. E para diferentes situações, diferentes soluções deverão ser encontradas.

#### **4.3 A prática realizada**

Contando com esse conjunto de informações, foi proposta a construção do portfólio dentro da oficina Brincando e Aprendendo, que é oferecida à turma de crianças que freqüentam o programa Sócio-educativo oferecido pela Fundação Bezerra Menezes na EPV I, unidade localizada na Vila Palmeiras, bairro periférico da cidade de Campinas.

Durante o ano de 2009, passaram pela oficina aproximadamente trinta crianças com idade entre 6 e 10 anos. Dessas, cerca de vinte e cinco eram regularmente matriculadas no programa, chegando ao final do segundo semestre com o total de nove crianças (matriculadas) que constantemente compareciam. A média de freqüência por

semana – na oficina – era de seis crianças. Uma média considerável<sup>3</sup> se formos analisar a encontrada nas outras oficinas:

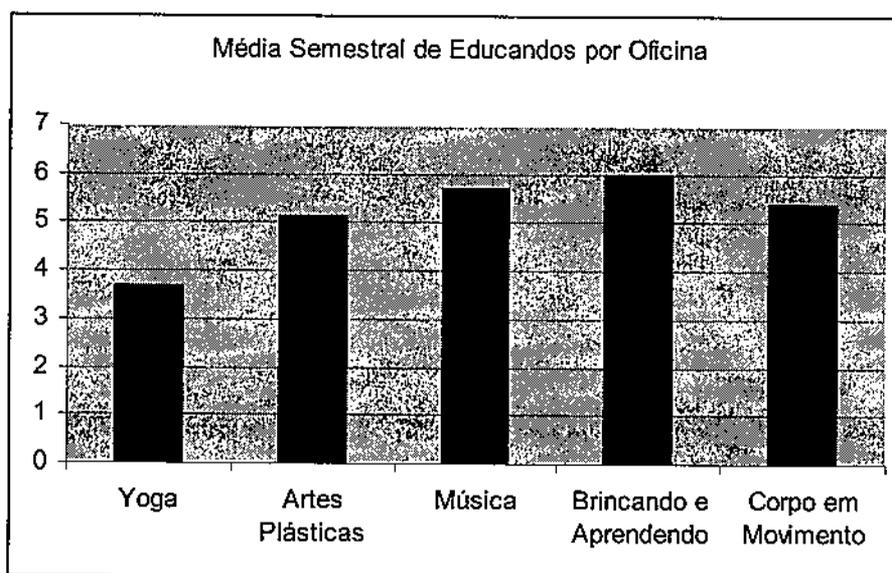


Gráfico 1

#### 4.3.1 Os projetos

Buscando desenvolver o conceito de projetos de aprendizagem, em consonância com a teoria sócio-histórica afirmada por Vigotsky, foram criados dois diferentes projetos, sendo um realizado no primeiro semestre e outro no segundo semestre. Para ambas as situações, o tema foi retirado das próprias crianças, a partir de suas expectativas.

Através de atividades que envolviam a pesquisa, a troca de informações, a expressão artística e o desenvolvimento da criatividade, eles levantaram uma série de

<sup>3</sup> Considerando os números do 2º semestre de 2009, dentro do total de nove crianças regularmente matriculadas no programa.

questões que poderiam dar início ao projeto. Com os temas elencados, era aberto um espaço de debate e discussão, visando a posterior votação e escolha do tema.

No primeiro semestre, o tema escolhido inicialmente foi "China". A cada semana, abordávamos um assunto referente à esse país, as crianças eram livres para opinar e trazer coisas que achavam interessantes discutir, bem como a continuidade ou não do projeto. Surgiram assuntos como sudoku, ikebana, xilogravura, tangram, globalização e capitalismo – por que é tudo "Made in China"? Em meio a essas conversas e atividades, o portfólio ia sendo inserido, por meio da apresentação de alguns modelos e da introdução de conceitos.

No início do segundo semestre, através da atividade, foram levantados os seguintes temas: animais marinhos, leitura (livros), esportes aquáticos, cinema, carros e planetas. Após a votação, foi eleito o tema "os planetas e o espaço". A partir desse, as atividades foram sendo desenvolvidas, dando origem ao projeto "Dança dos Planetas" (Anexo 1). A Dança dos Planetas é um livro de Edgar Rangel Netto<sup>4</sup>, voltado a crianças da faixa etária de 8 a 10 anos, indicado para a iniciação do aprendizado da astronomia. Conta a história de Jane, uma menina que ao dormir, sonha que viajou pelo espaço com a deusa Terpsícore, e conheceu a dança (movimentos) dos planetas.

A idéia central era, a cada semana, focar nas especificidades de um dos planetas componentes do Sistema Solar. Em paralelo, o uso de diferentes técnicas de expressão artística, além da vinculação com os assuntos estudados com questões cotidianas e pessoais.

Tanto no início quanto no final da aula, usávamos a roda. No início, para estabelecer uma comunicação, uma conversa informal, trazendo um pouco dos

---

<sup>4</sup> NETTO, Edgar Rangel. *A Dança dos Planetas – Iniciação a Astronomia*. São Paulo : FTD, 1999.

acontecimentos externos à Fundação, e depois retomando os acontecimentos vividos dentro da Fundação, atentando desde as outras oficinas até chegar ao assunto abordado na semana anterior pelo projeto.

#### **4.3.2 O portfólio**

Com base nesse projeto, foram realizados os portfólios reflexivos de aprendizagem. A dinâmica adotada foi a seguinte: os resultados das atividades da semana eram guardados e o conteúdo era retomado na próxima oficina. Os educandos avaliavam os trabalhos e selecionavam-nos, tendo ainda a possibilidade de refazer uma determinada atividade.

A apresentação estética dos mesmos ficou a cargo dos alunos. A apresentação das atividades era permeada por registros pessoais, ora acerca do projeto, ora acerca de assuntos pessoais. Embora na roda e nas conversas trouxessem várias falas acerca do cotidiano externo, essas mesmas falas não eram muito contempladas nos registros escritos. Vale ainda ressaltar que a maioria das crianças se expressavam por meio de desenhos ou através de um escriba, por ainda não saberem escrever.

Apesar das poucas crianças presentes em sala, algumas dificuldades foram observadas. Entre elas:

- Baixa frequência, prejudicando a continuidade;
- Espaço de tempo muito reduzido, impossibilitando reflexões profundas e práticas mais intrincadas;

- Troca constante de ambientes, impossibilitando a preparação prévia dos elementos que poderiam ser utilizados;
- Trânsito de profissionais ou outros educandos durante a aula, dificultando o andamento de reflexões.

Os registros eram feitos através de colagens, desenhos, narrativas, pinturas, fotos... Eram constantemente incentivadas as indagações feitas com relação ao próprio ser, trazendo a temática geral para o âmbito particular, na tentativa de desenvolver a prática da auto-avaliação e da busca do autoconhecimento. Outra prática muito utilizada, até naturalmente, era a socialização entre colegas, sempre dando opiniões acerca do trabalho do outro, através de críticas ou elogios.

Embora durante o processo não tenha havido possibilidade de envolvimento das famílias, para o fim do ano, os portfólios foram expostos aos pais ou responsáveis durante a confraternização de final de ano. As crianças decidiram pelos trabalhos que seriam colocados no portfólio ou não, além de um painel – realizado conjuntamente, que também foi exposto e contemplava a visão individual do educando, que juntas, compunham o panorama geral daqueles alunos do resultado do projeto desenvolvido ao longo do semestre.

#### **4.3.3 Possíveis relações**

Durante o desenvolvimento da pesquisa e levantamento bibliográfico, ficou evidente a relação existente entre a Pedagogia Integrada utilizada na Fundação e os

objetivos do trabalho com portfólios, os quais são os mesmos: o desenvolvimento do senso crítico, da iniciativa própria e da criatividade.

Ademais, percebe-se ainda uma relação estreita entre a prática da auto-avaliação e a do autoconhecimento. Embora o enfoque seja diferente, um pendendo para o educacional e o outro para o pessoal, pode-se dizer que uma auxilia a outra. E de qualquer maneira, ambas buscam tirar dentro do próprio ser as respostas para conflitos existentes.

Como podemos ver, existe ainda entre pesquisadores, certa dificuldade de dissociar essas práticas, acabando por considerá-las questões que abrangem desde o plano metafísico até o plano pedagógico.

*"Chauí<sup>5</sup> nos oferece seu entendimento de auto-avaliação: 'momento da consciência de si mediada pela consciência do outro (no caso, o professor)' (...) [há ainda] o caso da Finlândia, país em que todos têm acesso à educação de qualidade e que desde de 1993 adota a auto-avaliação pelo aluno. As orientações do currículo nacional consideram ser 'propósito da educação básica o desenvolvimento da capacidade de auto-avaliação pelo aluno', com vistas ao desenvolvimento do autoconhecimento e das habilidades de estudo. Busca-se 'fortalecer a auto-estima, a auto-imagem como aprendiz e o sentimento de envolvimento'. Por meio desse processo os alunos aprendem a avaliar o progresso da sua aprendizagem e a estabelecer seus próprios objetivos (Finland National Board of Education 2008<sup>6</sup>)."* (VILLAS BOAS, 2008, PP.78-79)

Outro fato também interessante, e que deve ser citado, é a relação existente entre a Teoria Histórico-Cultural trazida por Vigotsky, e o papel da educação não formal, de trazer a tona as experiências vividas e valorizar a cultural local e o contexto social no qual a população atendida está inserida. Dessa maneira, vincula e significativa as práticas educacionais com àquelas vividas em seu cotidiano.

---

<sup>5</sup> Marilena Chauí é filósofa e professora da Faculdade de Letras e Ciências Humanas da USP (FFLCH). CHAUI, Marilena de Souza. *Ideologia e Educação*. In.: "Educação & Sociedade", ano II, n.5, jan., pp.24-40. São Paulo : Cortez, CEDES.

<sup>6</sup> Documento contendo orientações e bases para o currículo nacional da Finlândia.

#### 4.4 Experiências já concretizadas

A fim de contextualizar, afirmar e trazer outras experiências realizadas em outros espaços de educação não formal, foram realizados alguns questionários com profissionais ligados à essa área. O primeiro (Anexo 2), foi realizado com uma profissional que atuou dentro do denominado Projeto Sol, que foi promovido pela prefeitura do município de Paulínia – próximo ao distrito de Barão Geraldo, Campinas – entre as décadas de 80 e 90.

O Projeto foi escolhido por ter sido considerado por diversos pesquisadores como um ambiente que realmente favorecia ao desenvolvimento da educação não formal em sua integralidade.

*“O trabalho do Projeto Sol segue, portanto, a linha da educação não formal, nos moldes que foram descritos.<sup>7</sup> O que dá base de sustentação e orientação para as propostas de trabalhos e atividades que acontecem no Sol são intenções e objetivos de cunho social, orientadas para uma parcela da população que está excluída de participação no ambiente macrossocial (...) Constam das intenções e perspectivas da dinâmica do sol os seguinte objetivos (...) contribuir para a formação pessoal, social, afetiva, física, intelectual e cultural (...) construção da cidadania, ajudando-os a perceber as relações que travam ou que podem estabelecer no campo social, percebendo-se como possíveis agentes de mudança ou, transformação ou o contrário, de perpetuar ou manter o status quo.” (VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, pp.113-114)*

Segundo os dados coletados com a profissional através de questionário, eram freqüentes o trabalho com projetos na instituição (ao menos em sua prática profissional) e geralmente surgiam do interesse dos próprios educandos:

---

<sup>7</sup> Refere-se aos moldes descritos por Almerindo Janela Afonso, contemplados no capítulo 2 desse trabalho.

*“Os projetos surgiam tanto de interesses dos freqüentadores, quanto de propostas políticas, sociais ou esportivas do momento, sempre problematizada e incentivada por mim e outros colegas. As experiências foram sempre no mínimo interessantes, a ponto de desperta-los para profissões e contar com grande participação e intervenção na comunidade.” (Questionário Teca)*

Seus objetivos, através dos mesmos, eram os de *“(...) desenvolver a cultura popular, recuperando e aproveitando os conhecimentos dos próprios freqüentadores, promovê-los a participar de todo o processo como sujeito, criar juntamente com todos os membros do grupo, melhorar a auto estima deles, concretizar as propostas surgidas (...)”*. (Questionário Teca)

Quando questionada acerca da procedência para planejamento, registro e anotação de resultados dos mesmos, afirmou que registravam o *“(...) processo, sentimentos, técnicas, impressões, depoimentos, através de desenhos, escritas, colagem, fotos, gravações, quando dava tempo organizávamos em um ‘caderno’ ou ‘álbum’ (...)”* (Questionário Teca). Finaliza ainda dizendo que não possuía na época conhecimento sobre o uso de portfólios.

O que se percebe, é que os trabalhos, de imensa riqueza, não somente para o desenvolvimento do aluno, da prática do profissional, do pertencimento à instituição, mas também como material de pesquisa, foi perdido. Havia algumas vezes a coleta de dados, mas essa era feita por motivos particulares, não havendo reflexão sobre a mesma nem sequer participação dos educandos.

O segundo questionário (Anexo 3) traz a experiência de uma professora do PRODECAD, Programa de Desenvolvimento e Integração da Criança e do Adolescente. Esse programa é visto como espaço de educação não formal e situa-se dentro do

campus da UNICAMP. É freqüentado por filhos de funcionários da universidade, no período inverso ao da escola.

Diferentemente da experiência anterior, essa professora faz uso de portfólios. Ela está inserida dentro de um programa denominado Formação de Multiplicadores<sup>8</sup> que é oferecido aos professores de todas as redes pela EMDEC – Empresa de Desenvolvimento de Campinas.

Dentro do programa, o professor tem de criar atividades com bases nas informações obtidas no curso, se tornando assim um multiplicador da EMDEC. Essas atividades compõem um projeto, que deve ser levado a cabo ao longo de um ano. Ao final, o portfólio é apresentado como resultado do trabalho realizado. Entretanto, percebe-se que já existe na profissional uma prévia relação com essa metodologia, que considera “(...) bastante coerente com [sua] nossa proposta de trabalho, pois permite esse registro de maneira maleável, com rupturas e inconstâncias desse processo.” (Questionário Cecilia) Entendendo que sua proposta de trabalho, vai de acordo com a proposta da realização de projetos:

*“Trabalhamos por projetos que surgem normalmente do nome do grupo (escolhido no início do ano) ou outros temas de interesse das crianças que surgirem ao longo do ano. Acho essa experiência enriquecedora, pois você não trabalha com a obrigatoriedade de determinado conteúdo, mas com o interesse, com a curiosidade, não têm um ponto de chegada e valoriza-se o que cada um traz como contribuição... muito diferente do que ainda temos nas escolas!”*  
(Questionário Cecilia)

---

<sup>8</sup> “A formação de multiplicadores ocorre em Campinas desde 1992. Envolve professores das redes estadual, municipal e particular dos ensinos infantil, fundamental, médio e especial. O curso é permanente e de adesão voluntária, com carga horária de 32 horas anuais, sendo um encontro mensal de 4 horas. A formação de multiplicadores é um processo ininterrupto de estudo e reflexão sobre a mobilidade, a fim de garantir o direito básico de deslocamento do cidadão, considerando a íntima relação entre segurança, acessibilidade, qualidade de vida, meio ambiente urbano e sustentabilidade. Tem como objetivos integrar a Educação para a Mobilidade ao planejamento da escola, respeitando o currículo estabelecido para cada série e ciclo escolar; estimular a ampliação de repertório entre circulação, arte, cultura, história e cotidiano; contribuir com as metas de redução de acidentalidade no município; abordar conceitos de mobilidade urbana, meio ambiente, acessibilidade e cidadania, e; divulgar os conceitos e informações trazidas com a implantação do Sistema de Transporte - InterCamp.” (Retirado de: www.emdec.com.br, em 10/11/2009)

Ao ser questionada acerca da maneira como são realizados os registros, afirma:

*“Procuro sistematizar o processo do trabalho desenvolvido através de fotos (entregue também às famílias) e também de um relatório entregue à equipe técnica; desta maneira, podemos visualizar o processo de um trabalho desenvolvido a longo prazo. Caso não recorramos a esta sistematização as coisas perdem o sentido, a coerência, parece que são soltas... cada atividade, pesquisa foi gerada porque em determinado momento houve uma pergunta, um foco de interesse e isso precisa estar relatado, constar na memória deste processo.” (Questionário Cecilia)*

E apesar de encontrarmos por toda a sua fala, aspectos positivos do uso do portfólio e da coerência dessa ferramenta com sua proposta, finaliza com uma dificuldade encontrada:

*“(...) destaco - não como fator negativo, mas algo que ainda nos traz a dificuldade - que é o tempo que esta sistematização demanda; algo que se enriquece a cada momento e que precisa ser registrado, mas às vezes acaba se perdendo por nosso envolvimento com as atividades rotineiras.” (Questionário Cecilia)*

Endossando a consideração de que, por mais que o ambiente, a rotina de trabalho, o empenho por parte da equipe pedagógica e dos alunos, trabalhar com portfólios demanda muita dedicação, e que obstáculos nesse caminho poderão ser encontrados, cabendo ao grupo saber superá-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"A arte de interrogar é bem mais a arte dos mestres do que as dos discípulos; é preciso ter já aprendido muitas coisas para saber perguntar aquilo que não se sabe."*

Jean Paul Sartre

Aliando a bibliografia levantada, a prática realizada, os dados coletados e fazendo-se uma análise dos mesmos, é possível identificar relações entre as temáticas abordadas e chegar-se a algumas conclusões.

Os portfólios reflexivos surgiram devido a deficiências encontradas no padrão das avaliações utilizadas pelos professores; a educação não formal veio para preencher espaços não contemplados pela educação não formal. A Fundação Bezerra de Menezes é uma instituição criada na tentativa de completar essas lacunas. Embora haja ainda alguns percalços no caminho, pode-se dizer que o programa sócio-educativo (que tem apenas 3 anos, está no começo) intenciona promover a transformação de seus educandos.

Pode-se então dizer, que tanto o espaço da educação não-formal quanto a avaliação formativa, mais especificamente o portfólio, operam no sentido de complementar os vazios que estão sendo deixados, que não são contemplados dentro do espaço formal. Agem no sujeito buscando a partir dele mesmo as possibilidades para ampliar seu conhecimento, fomentando-o a tomar decisões, a ser mais inventivo e mais atuante. Essas duas vertentes, em consonância, podem oferecer um ambiente estimulador ao educando.

Dentro do espaço formal, a necessidade de seguir um currículo muito fechado (na maioria das vezes) e de seguir normas pré-estabelecidas e imutáveis, dificulta a implantação da avaliação formativa. Por ser um processo, demanda maior empenho e esforço intelectual das pessoas envolvidas. Já a educação não formal, espera-se poder contemplar os requisitos necessários para o trabalho com o portfólio. Em sua essência, não possui necessariamente um currículo, as atividades são mais abertas e não há obrigatoriedade em cumprir com a transmissão de matérias e posterior avaliação, é mais flexível.

Ademais, o portfólio visto como uma estratégia auxiliadora do aluno, enquanto propiciador do trabalho com o senso crítico, a autonomia, a criatividade e o autoconhecimento, vai totalmente ao encontro da proposta dos espaços e programas da educação não-formal. Ajudando o educador também, a criar laços afetivos com o grupo, conhecendo seus educandos e suas experiências.

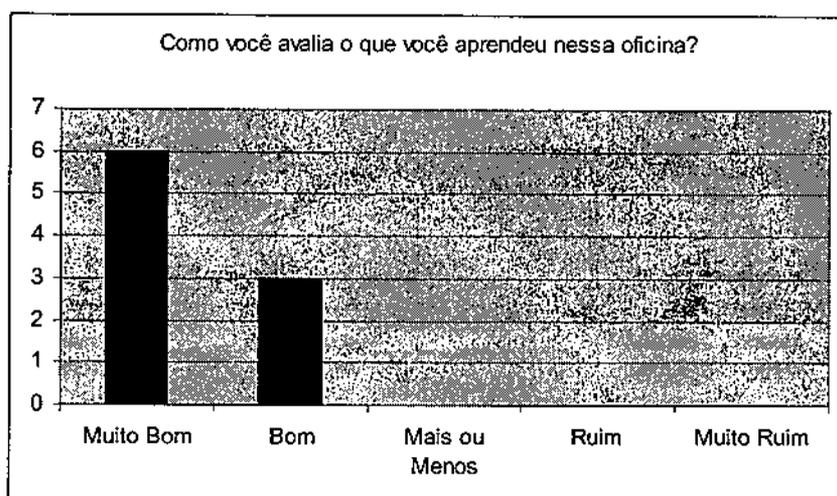
Outro fator importante, é que o trabalho com o portfólio pode conotar um sentido de continuidade dentro do programa, o que muitas vezes não ocorre, pois são divididos geralmente em oficinas, transmitindo a idéia de pequenos trabalhos isolados e sem qualquer relação. A interdisciplinaridade não é contemplada dessa maneira. Ao apresentar um exercício que possua um caráter de prosseguimento, isso pode motivar o educando e atuar na freqüência por espontaneidade.

É remetendo ao conceito de avaliação formativa, na qual professor e educando se desenvolvem, o portfólio seria uma ferramenta que ajudaria o educador, no sentido de fazê-lo se aproximar daquele grupo, daquele aluno, de sua realidade. Pois ao relatar suas percepções, ele traz muito de sua experiência, e utiliza dela como base para

novos objetivos a serem alcançados. Afirmando a noção de que a educação não-formal busca trazer significado para a cultura existente entre aquela população.

Como maneira de afirmar que a experiência realizada trouxe um retorno positivo, faz-se o uso de uma avaliação denominada "A voz do educando – Opinião sobre o programa Sócio-educativo" (Anexo 4). Essa avaliação – sem entrar nos pormenores referentes ao seu formato e seus objetivos – é utilizada todo final de ano dentro da instituição, a fim de levar em consideração as opiniões dos educandos sobre as oficinas dadas. Para tal, vamos focar em duas questões trazidas na mesma.

A primeira, diz respeito a avaliação do aluno acerca do que ele aprendeu na oficina, se o conteúdo trazido foi trabalhado, se foi de importância para ele:



**Gráfico 2**

Já a segunda questão, remete ao modo como esses conteúdos foram vistos ao longo do semestre, a metodologia utilizada:

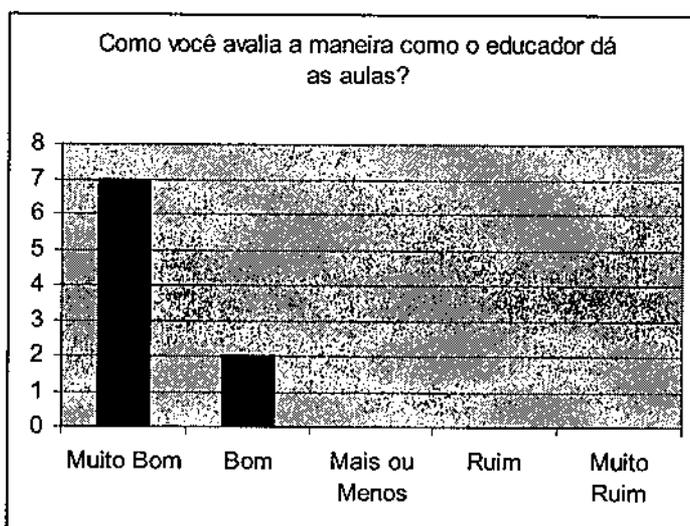


Gráfico 3

Outro fato interessante ainda e que deve ser levado em consideração, é relação entre a auto-avaliação e o autoconhecimento, que é uma prática levada a fundo dentro da instituição. A auto-avaliação é perfeitamente contemplada através do uso de portfólios. Conforme Villas Boas, *“Auto-avaliação e portfólio têm tudo a ver, já que a primeira é um dos princípios da construção do segundo. Com o portfólio, a auto-avaliação acontece naturalmente, sem imposição do professor, sem dia nem hora para ocorrer.”* (VILLAS BOAS, 2008, p.81)

Podemos destacar que a prática concebida dentro do determinado espaço e da realidade dada, contribuíram para que ela se concretizasse. Foram observados e efetivados uma série de conceitos existentes entre portfólio e educação não formal que se entrecruzam, podendo dizer, *a priori*, que é possível tecer uma relação entre as duas temáticas. Entretanto, como dito na introdução, trata-se de um estudo de caso, e que apesar da relevância das conclusões tiradas, a pesquisa não é passível – e nem tem a intenção – de generalizar dentro de áreas tão amplas.

Fica, no entanto, a possibilidade e a ciência da existente necessidade de reflexões mais profundas e também mais abrangentes acerca dessas temáticas que, em vistas de outras estudadas dentro do campo educacional, não foram ainda largamente investigadas no âmbito nacional; ainda que se saiba da grande importância de ambas dentro das complexas e emaranhadas redes que compõem as reflexões da área da educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO**, Almerindo Janela. *Sociologia da Educação Não-Escolar: reatualizar um objecto ou construir uma nova problemática?* In: **ESTEVES**, António Joaquim; **STOER**, Stephen R. (orgs.), "Sociologia na Escola". Porto: Afrontamento, 1992. (pp. 81-96)
- AVALIAR**. In: **HOUAISS**, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- BODGAN**, Robert; **BICKLEN**, Sari Knopp. *Qualitative research for education*. Boston, MA : Allyn and Bacon Inc., 1982. apud **LÜDKE**, Menga; **ANDRÉ**, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. "Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso". São Paulo: EPU, 1986.
- CORTESÃO**, Luíza Zuzarte; **LEITE**, Carlinda; **PACHECO**, José Augusto. *Trabalhar por Projectos de Educação. Uma inovação interessante?* Porto: Porto Editora, 2003.
- FAGUNDES**, Léa da Cruz et al. *Projetos de Aprendizagem: Uma experiência mediada por ambientes telemáticos*. In.: "Revista Brasileira de Informática Na Educação", Porto Alegre, v. 14, n. 1, p.29-39, jan. 2006. Trimestral. Disponível em: <<http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/viewFile/37/31>>. Acesso em: 09 nov. 2009.
- FONSECA**, Claudia. *Quando cada caso NÃO é um caso: Pesquisa etnográfica e educação*. "Revista Brasileira de Educação", Rio de Janeiro, v. 10, p.58-78, jan. 1999. Quadrimestral.
- GOHN**, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 2. ed - São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época ; v. 71)
- \_\_\_\_\_. *História dos Movimentos e Lutas Sociais. A construção da cidadania dos brasileiros*. 2. ed – Edições Loyola: São Paulo, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Teorias dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos*. 5. ed – Edições Loyola: São Paulo, 2006.

**HERNÁNDEZ**, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000.

**LÜDKE**, Menga; **ANDRÉ**, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso*. In: \_\_\_\_\_. "Pesquisa em educação: abordagens qualitativas". São Paulo: EPU, 1986.

**MARTINES**, Carmen Lúcia; **RAMOS**, Paula Andréa S. Sousa (orgs.). *Pedagogia Integrada nos núcleos*. Campinas: Fundação Bezerra de Menezes, 2006.

**OLIVEIRA**, Marta Kohl de. *Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico*. São Paulo: Scipione, 1997. (Pensamento e Ação no Magistério)

**PARK**, Margareth; **FERNANDES**, Renata Sieiro (orgs.). *Educação Não Formal. Contextos, percursos e sujeitos*. Campinas: UNICAMP/CMU; Holambra: Editora Setembro, 2005.

**SÁ-CHAVES**, Idália de. *Portfólios reflexivos: estratégias de formação e de supervisão*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000.

**SHORES**, Elizabeth; **GRACE**, Cathy. *Manual de portfólio: um guia passo a passo para o professor*. Porto Alegre: Editora Artmed, 2001.

**VIANA**, Juliana Gomes. *Educação não formal e cultura popular: o trabalho do Projeto Gente Nova*. Campinas: [s.n.], 2006. (TCC)

**VIGOTSKY**, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Psicologia e pedagogia)

\_\_\_\_\_. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed – São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Psicologia e pedagogia)

**VILLAS BOAS**, Benigna Maria de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Editora Papyrus, 2004.

\_\_\_\_\_. *Virando a escola do avesso por meio da avaliação*. Campinas: Editora Papyrus, 2008.

**VON SIMSON**, Olga Rodrigues de Moraes; **PARK**, Margareth; **FERNANDES**, Renata Sieiro (orgs.) *Educação Não-Formal. Cenários da criação*. Campinas: Editora da UNICAMP/Centro de Memória, 2001.

## **ANEXOS**

## **Anexo 1 – Projeto Dança dos Planetas**

**Tema:** Os Planetas e o Espaço

### **Problematização**

O presente trabalho foi elaborado a partir da proposta de criar um projeto integrado, construído a partir da reflexão e da observação do educador e dos educandos inserido dentro de uma proposta de educação não formal. Relacionando conhecimentos de diversas áreas junto ao diálogo sobre todo processo de trabalho de criação, construção, desenvolvimento e realização, este deverá ocorrer durante a oficina – denominada como Brincando e Aprendendo – que acontece às quintas feiras, no horário das 9h às 10h, destinada a turma de crianças de 6 a 10 anos que participam do programa Sócio-educativo existente na Fundação Bezerra de Menezes.

A problematização se deu a partir da idealização dos próprios educandos, o que possibilitou buscar quais as temáticas que realmente representam desafio para aqueles alunos. A partir de uma atividade que aliava o exercício da criatividade à necessidade de expressar-se individualmente trazendo seus anseios internos, o grupo levantou as seguintes temáticas: animais marinhos, cinema, carros, esportes aquáticos, bebidas e planetas. Após um debate e uma votação, o tema eleito foi os planetas e o espaço.

Para o grupo, a idéia de atentar para o universo que existe ao nosso redor e no qual estamos inseridos pode proporcionar que os alunos ampliem seus conhecimentos de mundo e que estes sejam aprendidos de forma criativa e espontânea, podendo consolidar um espaço facilitador e mediador das relações não só em sala, mas também

fora dela. **"A Dança dos Planetas"** é um projeto que pode proporcionar atividades visando o desenvolvimento através da integração de diferentes áreas de conhecimento e favorecer ao desenvolvimento de atitudes que considerem a existência enquanto ser social que vive em um enorme sistema ainda muito desconhecido.

O projeto foi baseado então a partir de três questões norteadoras: **"O que é o espaço?"**, que auxiliou na seleção e pesquisa dos conteúdos possíveis de serem trabalhados, criando uma visão geral acerca do tema. **"O que acontece no espaço?"** foi a segunda pergunta que auxiliou na elaboração de atividades de acordo com as necessidades e curiosidades das crianças sobre determinados assuntos e focando mais na questão dos planetas. E, por fim, a última pergunta **"Quem sou eu no espaço?"**, questão que volta sua atenção novamente ao educando, buscando sua auto-reflexão e que o instigará a repensar o seu papel e suas atitudes envolvendo-se neste universo de possibilidades e diferenças.

### **Justificativa**

Entendendo que o projeto integrado permite considerar o conhecimento de diferentes áreas, ele abre espaço e oportunidade para trabalhos e atividades que estão além do espaço delimitado por cada área. Valoriza os saberes dos alunos e cria a oportunidade de um processo mútuo de aprendizado, através de momentos onde o conhecimento se torna significativo, fortalecendo e ampliando o universo cultural e simbólico dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem.

*"(...) a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto." (AFONSO, 1989 apud VON SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001, p. 9)*

Dessa maneira, a educação não formal já possui em sua essência um ambiente favorável com práticas que permitam a realização de projetos integrados, acreditando assim, numa maior possibilidade de sucesso na construção e no processo dos mesmos, diferentemente de espaços formais, onde os docentes encontram muitas barreiras quando da realização de práticas que afirmam a necessidade da interdisciplinaridade.

Além disso, o tema abordado possibilita ao aluno o alargamento de seu olhar, ele sai de si, seu bairro, sua casa, sua cidade, e percebe que faz parte de algo muito maior. E é ao tentar entender essa realidade que ele será motivado a obter novos conhecimentos que o auxiliem nessa percepção. O universo é desde os primórdios algo que o homem tenta compreender, mas que, apesar dos avanços tecnológicos e do financiamento de pesquisas voltadas para esse fim, ainda há muito por ser desvelado.

Tal assunto tão permeado de mistérios acaba por incentivar na criança a imaginação e o desejo por novas informações. Ademais, é possível abarcar dentro das atividades, conhecimentos iniciais da biologia, da física, da química, da astronomia, da matemática, das artes, entre outras. Fazer com que o educando inicie o contato com essas disciplinas (que futuramente serão oferecidas no espaço escolar) de uma maneira lúdica, pode favorecer a uma experiência agradável que auxilie a vivência das mesmas posteriormente.

## **Objetivos**

**Objetivo Geral:** O que se pretende alcançar com este projeto é despertar nas crianças o desejo de conhecer e valorizar seu espaço no mundo junto à aquisição de conhecimentos sobre a história, o ambiente e o contexto do espaço em que vivemos, entendendo espaço como o universo amplo. Promover o interesse a partir da curiosidade e provocar desafios, significando o conceito de cultura e ampliando o entendimento da importância da pluralidade, levando as crianças a refletirem sobre o mundo em que vivem e o que está além dele.

### **Objetivos específicos:**

1. Compartilhar a experiência individual em relação ao tema, fazendo um resgate de seus conhecimentos prévios e de seus familiares, avivando a cultura e a memória local.
2. Proporcionar aos alunos a ampliação de conceitos sobre os planetas e o espaço do qual somos parte a partir das atividades propostas.
3. Trazer e relacionar a realidade percebida, conhecimentos específicos ao tema, tais como os componentes existentes no espaço que são conhecidos pelo homem.
4. Interessar-se por conhecer aquilo que está além dos limites do meio em que se vive: o que existe além do horizonte?
5. Estimular o desenvolvimento de uma postura atuante e crítica em relação aos acontecimentos nos âmbitos local, nacional e mundial, trazendo a noção de que o acontece além das fronteiras, me afeta diretamente.
6. Proporcionar atividades experienciadoras, conduzindo o aluno a tecer relações entre a teoria e a prática, bem como principiar sua relação com o método investigativo.

7. Abordar os conteúdos de uma forma lúdica.
8. Apresentar aos educandos conhecimentos iniciais de Biologia, Física, Química, Astronomia e outras.
9. Levar o aluno a se expressar através de diferentes técnicas artísticas.
10. Utilizar o portfólio como instrumento de avaliação formativa, que irá trabalhar o senso crítico, a criatividade e a iniciativa própria.
11. Lançar a criança o emprego da auto-avaliação como maneira de alcançar crescimento individual.

## **Conteúdos**

- A formação e a estrutura de nosso Sistema Solar;
- Os Planetas pertencentes ao Sistema Solar;
- A origem do nome dos planetas;
- Plutão – planeta anão;
- Os habitantes do espaço: planetas, satélites, asteróides e estrelas;
- Nossa estrela – o Sol;
- Os principais satélites naturais conhecidos;
- Mercúrio e suas características;
- Vênus e suas características;
- A Terra e suas características;
- Marte e suas características;
- Júpiter e suas características;

- Saturno e suas características;
- Urano e suas características;
- Netuno e suas características;
- Os movimentos planetários.

## **Avaliação**

A avaliação será feita no decorrer do desenvolvimento das atividades propostas, por meio da realização do portfólio reflexivo e de aprendizagem. O portfólio consiste em

*"(...) uma coleção proposital do trabalho do aluno que conta a história dos seus esforços, progresso ou desempenho em uma determinada área. Essa coleção deve incluir a participação do aluno na seleção do conteúdo do portfólio; as linhas básicas para a seleção; os critérios para julgamento do mérito; e evidência de auto-reflexão pelo aluno." (ARTER; SPANDEL, 1992 apud VILLAS BOAS, 2004, p. 38)*

O trabalho com o portfólio reafirma uma forma de avaliação denominada formativa, que vai de encontro ao método tradicional, que se utiliza de questões truncadas e provas de caráter classificatório e punitivo. Ao contrário disso, a avaliação formativa é uma maneira de trabalhar visando ao aprendizado do professor e do aluno, os quais, em parceria, tecem o trabalho pedagógico.

O portfólio é a ferramenta que dá a base para esse trabalho. Através dele, a avaliação passa a ser um processo em desenvolvimento, além disso, os alunos tornam-se participantes ativos desse processo e podem ainda refletir sobre sua aprendizagem. Com base nisso, o portfólio assegura ao educando o princípio da construção e o da reflexão. Tais princípios favorecem um ambiente estimulante à criatividade, visto que o sujeito terá de fazer escolhas e tomar decisões.

Entendo ainda que a avaliação aqui citada seja o processo, que ao final do projeto, levará o próprio educando a refletir sobre sua participação, envolvimento e progresso dentro do projeto. Por meio de práticas que afirmem a auto-avaliação, ele irá se desenvolver em busca de seu autoconhecimento.

## **Atividades**

As atividades desenvolvidas serão fruto das indagações dos próprios educandos, sempre planejando o próximo encontro a partir das indagações e desejos da semana que se passou. Além disso, o espaço fica aberto para sugestões e críticas dos mesmos. A fim de contemplar os conteúdos citados, estabeleceu-se que cada oficina irá focar em um planeta do sistema solar, e a atividade irá garantir os seguintes critérios: formas diferentes de exposição, pesquisa, debate; expressões artísticas; espaço para reflexão coletiva e individual; registros pessoais. Levando ainda em conta a seqüência da história do livro “A Dança dos Planetas” de Edgar Rangel Netto.

## **Referências Bibliográficas**

**NETTO**, Edgar Rangel. *A Dança dos Planetas – Iniciação a Astronomia*. São Paulo: FTD, 1999.

**VILLAS BOAS**, Benigna Maria de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

**VON SIMSON**, Olga Rodrigues de Moraes; **PARK**, Margareth Brandini; **FERNANDES**, Renata Sieiro (Orgs.). *Educação Não-Formal: Cenários da Criação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

**Anexo 2 – Questionário respondido por Teresinha (Teca) Minuzzo, profissional  
do Projeto Sol de Paulínia**

**1) Dados Pessoais.**

**R:** Teca Minuzzo.

**2) Panorama geral da instituição na qual trabalhava (breve resumo).**

**R:** Prédio municipal; equipe de profissionais da Educação composta por funções de direção, orientação pedagógica, cozinheiras, serventes, professores de educação física, educação artística, pedagogos; oficinas de marcenaria, costura, artesanatos, música, etc.

**3) Quem eram os freqüentadores?**

**R:** Estudantes de escola regular que no período oposto freqüentavam este lugar, com residência próximo ao local e idade entre 7 a 14 anos. A classe social não era um quesito de freqüências e sim filhos de mães trabalhadoras.

**4) Exercia qual função, com qual objetivo? Por quanto tempo a exerceu?**

**R:** Primeiramente era professora de Educação Física (por 10 anos), cujo MEU objetivo era desenvolver a cultura popular, recuperando e aproveitando os conhecimentos dos próprios freqüentadores, promovê-los a participar de todo o processo como sujeito, criar juntamente com todos os membros do grupo, melhorar a auto estima deles, concretizar as propostas surgidas em forma de objetos, expressão corporal, pintura, exposições, etc..

Após concurso de acesso, exerci outra função – diretora deste núcleo. A decisão de mudar de função foi para auxiliar e facilitar a construção da Educação Não-Formal, pois o vínculo com a Educação fazia com que os profissionais tivessem atitudes escolares e isto dificultava a compreensão deste trabalho. Exerci por 2 anos, até o término deste Projeto Público.

**5) Trabalhou com projetos dentro da educação não formal? Se sim, o que achou essa experiência?**

**R:** Sim. Os projetos surgiam tanto de interesses dos freqüentadores, quanto de propostas políticas, sociais ou esportivas do momento, sempre problematizada e incentivada por mim e outros colegas. As experiências foram sempre no mínimo interessantes, a ponto de desperta-los para profissões e contar com grande participação e intervenção na comunidade.

**6) Se trabalhou com projetos, qual era a procedência para planejamento, registro, anotação de resultados dos mesmos?**

**R:** As motivações eram de interesses individuais, coletivos e sociais. Por ex.: questões ligadas ao meio ambiente, que gerou um Projeto – Homem, Céu e Terra. Através das pesquisas, extraía atividades e informações corporais (de onde e como surgiram as modalidades dos esportes numa olimpíada, por exemplo, e como foram modificadas). Por ser na época a profissional de educação física, fomos construindo o processo que culminou na construção e representação de uma Olimpíada interna.

Após cada experiência e estudos, registrávamos processo, sentimentos, técnicas, impressões, depoimentos, etc, através de desenhos, escritas, colagem, fotos,

gravações, quando dava tempo organizávamos em um “caderno” ou “álbum”, onde reuníamos o material de todos os profissionais num só, tentando organizar o processo todo. Em alguns, tinha também a voz do profissional que trabalhou dando o formato apresentável e compreensível da didática, etc. Outras vezes foram feitas gravações em voz e filmagem.

**7) Fez uso de portfólios? Se sim, o que achou dessa experiência?**

**R:** Na época não conhecia esse formato. O que conhecia era o Livro da Vida. Embora atualmente, conheça pouco sobre portfólios.

**Anexo 3 – Questionário respondido por Cecília Alejandra Rodriguez Parra,  
profissional do PRODECAD**

**1) Dados Pessoais.**

**R:** Cecília Alejandra Rodríguez Parra da Silva – 27 anos.

**2) Panorama geral da instituição na qual trabalha (breve resumo).**

**R:** O PRODECAD – Programa de Integração e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente - localiza-se na UNICAMP e teve seu início com o Subprograma de Apoio à Escolaridade em setembro de 1987, funcionando nas proximidades do campus até 1991 quando passou a funcionar no prédio atual.

O trabalho é realizado a partir de três eixos norteadores – Linguagem, Movimento e Arte - que ocorrem nas oficinas de Jogos (a brincadeira, o raciocínio lógico, a fantasia), da Palavra (diferentes expressões da Linguagem), do Movimento (trabalho com o corpo e jogos em área externa) e da Arte (diferentes formas de expressão artística); além de oficinas livres que são oferecidas em dias e horários pré-estabelecidos e criadas a partir de centros de interesse das crianças (dança, mágica, crochê, teatro, etc).

**3) Quem são os freqüentadores?**

**R:** Os freqüentadores são os filhos de funcionários e alunos da UNICAMP, atendendo em diversos horários para abranger os diferentes setores (das 7 às 19h30). A faixa etária atendida é dos 3 anos e meio aos 6 anos na turma Educação Infantil; dos 6 aos 10/11 anos na turma Educação Não Formal I e dos 11 aos 15 anos na turma Educação

Não Formal II. A classe social é bastante diversificada, predominando alunos da classe média e média baixa, por se tratar de alunos que permanecem neste espaço no horário oposto à Escola Estadual situada dentro do campus.

**4) Exerce qual função, com qual objetivo? Há quanto tempo a exerce?**

**R:** Sou professora de Educação Infantil há 4 anos e estive na turma Educação Não Formal I no primeiro ano em que entrei no PRODECAD, portanto estou há 5 anos e meio neste setor. Anteriormente tive experiência durante 3 anos como professora de Educação Infantil em uma ONG e professora eventual no Estado.

**5) Trabalha com projetos dentro da educação não formal? Se sim, o que acha essa experiência?**

**R:** Na verdade, meu grupo é de Educação Infantil dentro do espaço da Educação Não Formal e, apesar de algumas diretrizes em comum com a Educação Não Formal, para essa faixa etária são necessárias algumas particularidades mais comuns à Educação Formal. Trabalhamos por projetos que surgem normalmente do nome do grupo (escolhido no início do ano) ou outros temas de interesse das crianças que surgirem ao longo do ano. Acho essa experiência enriquecedora, pois você não trabalha com a obrigatoriedade de determinado conteúdo, mas com o interesse, com a curiosidade, não têm um ponto de chegada e valoriza-se o que cada um traz como contribuição... muito diferente do que ainda temos nas escolas!

**6) Faz uso de portfólios? Se sim, o que acha dessa experiência?**

**R:** Procuo sistematizar o processo do trabalho desenvolvido através de fotos (entregue também às famílias) e também de um relatório entregue à equipe técnica; desta maneira, podemos visualizar o processo de um trabalho desenvolvido a longo prazo. Caso não recorramos a esta sistematização as coisas perdem o sentido, a coerência, parece que são soltas... cada atividade, pesquisa foi gerada porque em determinado momento houve uma pergunta, um foco de interesse e isso precisa estar relatado, constar na memória deste processo.

A experiência do uso de portfólios é bastante coerente com nossa proposta de trabalho, pois permite esse registro de maneira maleável, com rupturas e inconstâncias desse processo; porém destaque - não como fator negativo, mas algo que ainda nos traz a dificuldade - que é o tempo que esta sistematização demanda; algo que se enriquece a cada momento e que precisa ser registrado, mas às vezes acaba se perdendo por nosso envolvimento com as atividades rotineiras.

## Anexo 4 – A voz do Educando

### A Voz do Educando: Opinião sobre o Programa Sócio Educativo



Educando: este é um questionário que estamos realizando para saber a sua opinião sobre as oficinas de segunda à sexta-feira

EPV:  Nome:

Oficina

Educador:

1. Como você avalia esta oficina?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

2. Como você avalia o que você aprendeu?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

3. Como você avalia a sua participação e dedicação?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

4. Como você avalia o relacionamento do educador com a turma?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

5. Como você avalia a maneira como o educador dá as aulas?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

6. Como você avalia o educador?

Muito Bom  Mais ou Menos  Muito Ruim   
Bom  Ruim

7. Esta oficina contribuiu para alguma mudança positiva em sua vida?

Não  Sim  Qual?

---

---

---

---

8. O que você mudaria nesta oficina?

---

---

---

9. Que assuntos ou atividades você gostaria que tivessem nessa oficina?

---

---

---

Data de aplicação:  Responsável:

## Anexo 5 – Fotos



Turma das crianças



Debate/Reflexão



Roda/Socialização com colegas



Atividades

